

Anexos I

COMPLEMENTOS

Biografias:

1- *Algumas Personalidades Relacionadas com o Mosteiro:*

Gonçalo de Amarante (Beato)



Fig. 1-S. Gonçalo de Amarante, óleo S/tela, autor desconhecido, séc. XVIII, Museu Paroquial de Amarante.

Oriundo da nobre família dos Pereira, Gonçalo nasceu no Paço de Arriconha, freguesia do Divino Salvador de Tagilde – Vizela, por volta de 1187 e herda de seus pais, a nobreza no sangue e grandeza na Fé [Patrício, 2009, 13].

Desde a mais tenra idade é educado nos bons princípios cristãos e quando atinge a mocidade, opta por uma carreira eclesiástica, estudando as primeiras letras, provavelmente, no mosteiro beneditino de Santa Maria de Pombeiro de Ribavizela, concelho de Felgueiras e daí terá prosseguido os seus estudos no Paço

Arcebispal de Braga, onde viria a ser ordenado sacerdote e fica responsável pela paróquia de S. Paio de Vizela [Sousa, 1990, 54]. Durante este tempo, terá ingressado na Colegiada dos Cónegos de Santa Maria da Oliveira de Guimarães [Magalhães (b), 1996, 185].

Não satisfeito com a vida paroquial que levava e ardendo no desejo de conhecer e de percorrer os lugares mais Santos do Cristianismo, decide encetar uma peregrinação a Roma para estar junto aos túmulos dos Apóstolos Pedro e Paulo, seguindo depois, para a Palestina para ver com os próprios olhos, os lugares mais Santos do Cristianismo [Sousa, 1977, 165].

Ao fim de catorze anos de peregrinação, Gonçalo regressa à sua paróquia de S. Paio de Vizela, que durante a sua ausência fora dirigida por um sobrinho, que o não reconhecendo o expulsa de casa. Desiludido com a vida opulenta e faustosa do seu substituto e deparando-se com o desrespeito aos ensinamentos e à humildade cristã decide abandonar a vida paroquial e enceta por um *modus vivendi* mais contemplativo, eremítico e evangelizador. Embevecido neste espírito, toma o hábito da Ordem de S. Domingos, que se encontra presente em Guimarães, desde 1221, embora só construa um convento, na cidade em 1270 [Magalhães (a), 1996, 67].

Com esta nova forma de vida chegou ao vale do Tâmega e deparando-se com uma ermida arruinada dedicada a Nossa Senhora da Assunção, localizada num local ermo, junto ao rio e nas imediações de uma ponte devoluta, aí se instalou e recuperou o velho templo, para dele fazer a sua morada [Sousa, 1990, 54].

Calcorreando as povoações do vale do Tâmega e da Serra do Marão, Frei Gonçalo, acompanhado por um irmão espiritual, frei Lourenço Mendes, evangeliza e abençoa uniões matrimoniais, apoia e protege os mais desfavorecidos e realiza alguns prodígios, que lhe vão conferindo aura de santidade [Cardoso, 1978, 11].

No decorrer destas acções pastorais, depara-se com as dificuldades e com o perigo que os seus fiéis corriam ao aventurarem-se a atravessar o rio, principalmente, nas alturas em que este se apresentava mais caudaloso e na falta de alternativas, decide empreender ele próprio, o restauro ou a reedificação da velha ponte romana [Magalhães(a), 1996, 71], nos idos de 1250 [Cardoso, 1978, 10]. Para a sua reconstrução terá contado com a participação de todos, desde os mais abastados, que contribuíram com alguns numerários e matérias-primas, até aos mais pobres que com o seu esforço executaram a obra. Consta que o arquitecto fora o próprio santo [Magalhães (a), 1996, 72 – 73]. A ponte medieval haveria de perdurar, até ao dia 10 de Fevereiro de 1763, altura em que sucumbe face à turbulência das águas do Tâmega, durante uma cheia, desmoronando-se por completo [Sardoeira, 1994, 8].

Após a construção da ponte e do restabelecimento do tráfego, o frade dominicano continuou com a sua vida de pregador, até ao dia da sua morte, ocorrida a 10 de Janeiro de 1259.

A partir de então, muitos foram aqueles que acorreram ao seu túmulo, instalado na mesma ermida onde residiu para junto aos seus restos mortais, pedirem ou agradecerem a sua intercessão.

Em 1540, D. João III manda construir, no lugar da velha ermida medieval, um convento que entrega aos frades pregadores de S. Domingos, Ordem à qual o Santo estava vinculado.

No dia 16 de Setembro de 1561, Gonçalo de Amarante é beatificado e pelo papa Pio IV e algum tempo depois, já no reinado de D. Filipe I de Portugal (II de Espanha), inicia-se o seu processo de canonização, que acaba por ficar sem efeito [Patrício, 2009, 18].

O papa Clemente X, em 1671, estende o ofício da sua festa litúrgica a toda a Ordem Dominicana, que é celebrada, no dia do seu falecimento, a 10 de Janeiro [Patrício, 2009, 19].

Daí para cá o seu culto, jamais parou de se difundir e propagar em Portugal e no antigo Além-Mar Português, destacando-se o Brasil, onde várias localidades o têm por padroeiro.

D. Mafalda de Portugal, Infanta de Portugal e Rainha de Castela (Beata)



Fig. 2- Pormenor de da Infanta D. Mafalda, segundo iluminura flamenga atribuída a Simon Benning, séc. XV/XVI, Biblioteca Nacional da Grã-Bretanha.

Nascida entre meados de 1195 e os inícios de 1196 [Coelho (a), 2005, 25], Mafalda foi a antepenúltima filha, da vasta prole (Mafalda é a nona filha, do casal real) do rei D. Sancho I e da rainha D. Dulce de Aragão, perfazendo 20 anos de diferença, da irmã mais velha, a infanta D. Teresa [Cassotti, 2008, 62].

O seu nascimento acontece, num momento conturbado, do reino e da própria família real. Pois D. Teresa e o pai, o rei D. Sancho, muito provavelmente, teriam sido ex-comungados pelo papa por terem incorrido em pecado, ao consentirem o matrimónio de D. Teresa com o primo direito, o rei Afonso IX de Leão, casamento que embrenhado em jogos de interesses políticos acabaria por ser dissolvido, mesmo depois de consumado e daí terem nascido três filhos [Cassotti, 2008, 48, 49, 62].

A 2 de Maio de 1196 recebe do pai, da mãe e dos irmãos, a posse do mosteiro de São Salvador de Bouças em *iure hereditario*, com a vila de Vilar de Sande [Cassotti, 2008, 62].

Tal como as irmãs, Mafalda irá ter problemas com o irmão, o futuro rei D. Afonso II, a propósito das avultadas possessões, que o pai lhes fizera em testamento [Cassotti, 2008, 62].

Apesar de não ser a irmã mais nova, e depois de Mafalda terem nascido ainda mais duas infantas, D. Branca e D. Berenguela, D. Afonso II desenvolve com esta, um sentimento de protecção que se perpetua, pelo resto da sua vida [Cassotti, 2008, 63].

Dois anos depois do seu nascimento, a rainha D. Dulce de Aragão morre (na altura teria cerca de 40 anos) e é necessário encontrar uma educadora para as princesas mais novas, das quais, a mais velha contava apenas com três anos de idade. Essa responsabilidade recaiu no caso da pequena Mafalda, para D. Teresa e D. Sancha [Coelho (a), 2005, 25], que seria ainda partilhada pela ama-de-leite, Oureanna Perez, casada com Gonzalo Peres, que era proveniente de uma linhagem que, paciente e conscientemente ia construindo uma forte posição na sociedade medieval europeia [Cassotti, 2008, 64].

Algum tempo depois, D. Mafalda acaba por ser entregue aos cuidados de Urraca Viegas de Ribadouro, filha de Teresa Afonso, meia irmã de D. Sancho I, que já havia sido *nutrix* de D. Sancho I e de Egas Moniz de Ribadouro. Talvez por existirem laços de sangue, Urraca Viegas desenvolve um carinho e uma afeição especial pela prima que, é perceptível no seu testamento, onde a designa de «*alumpne mei regine domne Maphalde quam recepi loco filie*», como consta no seu testamento lavrado em 1199, em que lhe doa metade dos seus bens, entre os quais se inclui o mosteiro de Tuías e algumas propriedades fundiárias [Coelho (a), 2005, 25].

Terá sido na área de influência dos Ribadouro que, Mafalda passa a sua infância, regressando posteriormente à corte, onde muito provavelmente assistira ao matrimónio do irmão com a infanta D. Urraca de Castela, futura rainha de Portugal [Cassotti, 2008, 65].

Em 1210, D. Sancho I redige um novo testamento e confirma à infanta, o legado dos mosteiros de Bouças, de Arouca e as herdades de Seia que haviam pertencido à mãe, a rainha D. Dulce, 40 000 morabitinos e 200 marcos de prata [Coelho (a), 2005, 26].

Logo após a morte de D. Sancho I, ocorrida um ano depois, em finais do mês de Março e depois da subida ao trono de D. Afonso II, o novo rei procura a impugnar o

referido testamento, tentando desapossar as irmãs das suas heranças, levando a que estas apelassem à protecção da Santa Sé e sucedem-se bulas, que lhes confirmam os bens legados [Coelho (a), 2005, 26].

Também o rei faz valer junto do Sumo Pontífice o seu ponto de vista, indagando que os bens das infantas alienavam territórios da coroa, e por isso, prejudicavam o reino [Cassotti, 2008, 66].

Ao contrário das irmãs, a contenda entre Mafalda e o irmão nunca saíra da esfera da via diplomática [Cassotti, 2008, 66], podendo isto ser sinónimo, de uma certa docilidade e falta de experiência da infanta [Coelho (a), 2005, 27]. Como forma de sanar as hostilidades, doa o mosteiro de Bouças à Ordem do Hospital com reserva de usufruto em vida. Com esta acção, consegue desviar a questão, para os cavaleiros da Ordem [Coelho (a), 2005, 26].

O problema das heranças, viria a resolver-se, graças à intervenção dos bispos de Astorga, Burgos e Segóvia, a favor do rei, em detrimento das causas das infantas, acabando Mafalda por aceitar tais desígnios, contrariando a postura das irmãs, que recorrem à intervenção militar do ex-marido de D. Teresa, o rei de Leão, mergulhando o país numa guerra que se foi prolongando pelos anos de 1213 e 1214 [Cassotti, 2008, 67]. Durante este período, a infanta ter-se-á recolhido no mosteiro de Arouca, pois em 1215, o bispo e o cabido de Lamego renunciam ao direito diocesano sobre o cenóbio e ao censo anual de 6 áureos, recebendo em troca algumas compensações. Durante este tempo, a infanta depara-se com o estado material e espiritual miserável da comunidade religiosa professa na Ordem de S. Bento [Coelho (a), 2005, 27].

Pouco tempo depois, o recolhimento da infanta haveria de ser perturbado por causa de uma aliança contra o reino de Leão, preparada entre D. Afonso II e o conde Álvaro de Lara e negociam o casamento da infanta, à data com cerca de 20, com o jovem rei de Castela Henrique I, ainda uma criança. Esta união tinha por objectivo romper com possíveis pretensões de Leão à coroa de Castela, pois Berenguela, irmã e tutora de Henrique, tinha concebido um filho do rei de Leão, o infante Fernando, que era assim, por direito, o único pretendente ao trono Leonês e um dos herdeiros directos ao de Castela [Cassotti, 2008, 68 -69].

D. Mafalda anui favoravelmente a esse acordo matrimonial, apesar de conhecer as disposições papais que proíbem, pelo código de Graciano, as uniões matrimoniais até ao sétimo grau, vindo posteriormente a ser proibidas apenas, até ao quinto, pelo IV Concilio de Latrão. Muito provavelmente, terá sido influenciada pela rainha D. Urraca

de Castela e talvez estivesse convencida de uma eventual dispensa papal. O casamento acontece numa data anterior, ao dia 11 de Novembro de 1215 [Cassotti, 2008, 69 – 71].

Aproveitando a questão da consanguinidade, em quinto e quarto grau, os opositores a este casamento, tomam diligências para que o papa não consinta esta união, o que efectivamente vem a suceder, sem que ele se tenha consumado, devido à menoridade do rei. Pouco tempo depois, em 1217 Henrique morre e D. Mafalda, se já não o havia feito, regressa a Portugal em definitivo [Coelho (a), 2005, 27].

A partir desse momento é em Arouca, que se recolhe das tramas palacianas, vivendo em paz com o seu irmão, que desde Dezembro de 1217, a coloca sob a sua protecção. Atendendo à sua antiga condição de rainha, não lhe era conveniente nem atractivo um cargo na corte, portanto a melhor opção, seria o ingresso num mosteiro, seguindo o exemplo da sua irmã mais velha, D. Teresa que em condição similar se recolhera no mosteiro do Lorvão [Coelho (a), 2005, 27].

Num mosteiro, D. Mafalda teria todas as honras de senhora-rainha, reinaria, ao mesmo tempo, que num gesto de humildade perante a comunidade, voluntariamente se poderia humilhar, enquanto serva do Senhor [Coelho (a), 2005, 27].

A partir de então, a “*Quondam Regine Castelle*”, como consta nos documentos pontifícios [Coelho (a), 2005, 27, nt.49], preocupa-se apenas em reformar para a Ordem de Cister, o mosteiro de Arouca, onde pudessem ser acolhidas mulheres provenientes da Alta Nobreza que, pretendessem uma vida afastada do mundo secular [Cassotti, 2008, 73].

Como o mosteiro vivia em grande penúria e as suas estruturas estavam bastante degradadas, trata de levantar novos edifícios e de aferir rendimentos para garantir o sustento das religiosas, para tal concede inúmeras doações e revoga em proveito do mosteiro, algumas das que fizera, antes de ir para Castela, à Ordem do Hospital [Cassotti, 2008, 74].

Em 1224 obtêm a aprovação episcopal para poder reformar o mosteiro de Arouca na Ordem de Cister e nos anos de 1225 e 1226, recebe do papa Honório III as restantes ratificações, para a introdução definitiva da regra [Cassotti, 2008, 74].

Contrariamente, ao que refere a tradição cisterciense, Mafalda não fizera os votos na Ordem, que a obrigavam a uma estrita observância na pobreza e à obediência de uma abadessa, situação que lhe era incompatível, atendendo à sua condição de rainha, sendo apenas aceitável, o cargo de abadessa, que nunca ocupou, preferindo assumir um papel de reforço do poder da abadessa, que por sua vez, nada fazia sem o seu consentimento,

preocupando-se tanto ou mais que esta, pelo bem-estar do mosteiro, providenciando a aquisição de rendimentos, canalizados para a satisfação das suas necessidades.

De igual modo, o não juramento de votos solenes, dava liberdade à rainha D. Mafalda para poder administrar e gerir as suas possessões que, incluíam outros dois mosteiros, mais algumas propriedades e outros haveres, que exigiam deslocações frequentes. Por vezes, o governo dos seus bens acontecia no interior do próprio mosteiro, que para o efeito, abria as suas portas ou no Paço da rainha, cuja localização, permanece desconhecida [Coelho (a), 2005, 33]. D. Mafalda dispunha ainda de um vasto sequito de vassallos constituídos por mordomo, porteiro, capelães, confessores, notário, cavaleiros e ainda vários serviçais [Coelho (a), 2005, 33 -34].

Poderá ter sido ainda antes, ou depois do seu regresso de Castela, no âmbito das suas deslocações e permanência em terras do Douro Litoral, que esta senhora se dedica à fundação de várias igrejas, nomeadamente a de S. Gens de Boelhe [Rosas, 2009, 129], a de S. Pedro de Abragão [Rosas, 2009, 73] a de S. Salvador de Cabeça Santa (todas elas, no actual concelho de Penafiel) [Rodrigues, 2009, 77], bem como de um recolhimento de mantelatas, em Amarante [Esperança, 1666, 251].

No dia 1 ou 2 de Maio de 1256, morre em Rio Tinto - Gondomar, enquanto se dirigia em peregrinação a Nossa Senhora da Silva, na Catedral do Porto, ou segundo algumas hagiografias a Amarante [Ameal, 1957, 391].

O seu corpo é transportado em solene cortejo fúnebre (como refere a memória das populações do vale do Sousa, materializada nos diversos marmoirais atribuídos ao seu fúnebre cortejo [Rosas, 2009, 230]), ao mosteiro de Arouca onde seria sepultado, segundo os costumes de Castela [Cassotti, 2008, 61 e 75].

Em 1617, o seu túmulo é aberto pela primeira vez e verifica-se que permanecia incorrupta e vestido com o hábito das monjas cistercienses. A partir desse momento, iniciam-se os trâmites para a sua elevação aos altares, facto que acontece no dia 27 de Julho de 1792, pelo papa Pio VI [Cassotti, 2008, 75 – 76], juntando-se assim, às irmãs Teresa e Sancha, beatificadas a 23 de Dezembro de 1705, pelo papa Clemente XI [Coelho (a), 2005, 45].

D. Martim Afonso de Sousa

Filho primogénito de D. Fernão de Sousa e de D. Filipa de Melo, sucede aos pais no Senhorio do Concelho de Gouveia de Riba Tâmega [Silva, 2000, 82], tornando-se no seu quarto Senhor, confirmado em 18 de Fevereiro e a 27 de Julho de 1576 e ainda a 29 de Julho de 1594 [Craesbeeck, 1992, 64]. Ocupou o cargo de Vedor, na Casa do duque de Bragança, D. João, e casou com D. Joana de Tovar. Foi também procurador de D. Vasco Fernandes Caminha, seu sogro, actividade que o fez lavrar muitos prazos em 1558, aos caseiros da comenda de Vila Boa de Quires (Marco de Canavezes). Teve onze filhos, dos quais, D. Fernão de Sousa Coutinho, que o sucedeu [Silva, 2000, 83].

Em 1560 terá reedificado o mosteiro de Santa Clara de Amarante [Sousa, 2006, 298] e viria a ser sepultado, na sua capela-mor [Craesbeeck, 1992, 260].

D. Joana de Tovar

Filha de Vasco Fernandes Caminha, camareiro do duque D. Teodósio e 1º comendador de Vila Boa de Quires (Marco de Canavezes) [Silva, 2000, vol. II, 352], casou com D. Martim Afonso de Sousa, 4º Senhor do Concelho de Gouveia de Riba Tâmega (*vide* D. Martim Afonso de Sousa) [Silva, 2000, 83] e está sepultada na capela-mor da igreja do mosteiro de Santa Clara de Amarante [Craesbeeck, 1992, 260].

D. Tomé de Sousa Coutinho

Filho de Fernão de Sousa Coutinho sucedeu ao pai, por morte do irmão mais velho, na Casa e Senhorio do Concelho de Gouveia de Riba Tâmega. Tendo sido o sexto Senhor deste concelho, confirmado a 26 de Janeiro de 1636 [Craesbeeck, 1992, 64]. Foi alcaide-mor de Vila Viçosa e de Melleima (?) [Craesbeeck, 1992, 260] mestre-sala, trinchante-mor e vedor, de D. João IV [Costa, 1706, 137], recebeu a comenda de Nossa

Senhora dos Remédios da Ordem de Santiago e a comenda de Santa Maria de Gondar da Ordem de Cristo [Craesbeeck, 1992, 260], contraiu matrimónio com D. Francisca de Menezes, filha de D. João de Castelo Branco [Silva, 2000, 84].

Foi também padroeiro da Capela-Mor dedicada a Nossa Senhora da Assunção da igreja do mosteiro de Santa Clara de Amarante [Craesbeeck, 1992, 260].

Dr. Manuel Cerqueira

Membro da família dos Cerqueiras de Amarante, o Doutor Manuel Cerqueira, nasceu na segunda metade do séc. XVI, tornou-se sacerdote e desempenhou as funções de capelão real e mestre escola da arquidiocese de Évora. Na sua velhice regressou à vila de Amarante, de onde era natural, vivendo muito provavelmente, na casa que mandou construir, na antiga rua da Portela [Craesbeeck, 1992, 305], actual Miguel Bombarda.

Durante o tempo que viveu em Amarante, beneficiou os seus moradores com a construção de um fontanário em 1616, localizado numa antiga rua, por de trás da igreja da Misericórdia [Craesbeeck, 1992, 255]. A expensas suas, no mosteiro de Santa Clara de Amarante, mandou ampliar os dois coros e edificou um fontanário no claustro, datado da segunda década do séc. XVII, para além destas beneficiações, socorre financeiramente o mosteiro e a sua comunidade em alturas de necessidade [Esperança, 1666, 253]. Terá falecido na terceira década do séc. XVII e foi sepultado na capela por si instituída, dedicada a S. José, no mosteiro de Santa Clara de Amarante [Craesbeeck, 1992, 259].

2- Algumas Notáveis religiosas do Mosteiro de Santa Clara de Amarante:

Madre Guiomar das Chagas

Freira professa no mosteiro de Santa Clara de Amarante e terá sido a sua primeira abadessa, como relata frei Manuel da Esperança, baseado num documento que nele

encontrou. Esta madre fora eleita pelas restantes quatro religiosas que então, constituíam a primitiva comunidade de clarissas em Amarante [Esperança, 1666, 252].

Para além do cargo de abadessa Madre Guiomar era para as demais, um exemplo de santidade, tendo sido por diversas vezes, posta à prova nas suas convicções e Fé que, fora superando «*confortada pela Graça do Senhor*» [Esperança, 1666, 255]. Como faleceu em 1505, o cronista da Ordem acha, para além da sua longevidade, que entrara muito nova no mosteiro [Esperança, 1666, 252].

Soror Antónia

Não se conhece o seu apelido de família ou adoptado, aquando da sua profissão na Ordem. Ao longo da sua vida, Soror Antónia sempre renunciou ao ócio e nunca faltou aos serviços do coro, nem às tarefas domésticas da casa ou da comunidade e era prestável com as enfermas e com as restantes irmãs [Esperança, 1666, 255].

Jejuava constantemente e apenas duas vezes por semana, tomava as refeições completas, mas temperava o seu prato com aipo e cinza, para amargar a comida. Dos dias em que jejuava ou dos outros em que apenas consumia uma parte da sua ração, dava-a aos mais pobres e necessitados. Faleceu em estado de graça e em aura de santidade no ano de 1530 [Esperança, 1666, 255].

Soror Ana das Chagas

Apesar de apenas ter vivido 20 anos, Soror Ana destacou-se no seio da comunidade pelos tremendos sacrifícios e jejuns a que se sujeitava voluntariamente. Jejuou uma quaresma inteira a pão e água e na Sexta-feira Santa da Páscoa do ano de 1550, após a realização dos ofícios litúrgicos da Paixão de Cristo, diz às companheiras que via dois anjos que, a vinham buscar para a levarem para o céu, ouvindo isto, colocaram-lhe nas mãos um crucifixo e assim faleceu. A essa hora ouviram-se por todo o mosteiro, cânticos celestiais e o corpo inerte da defunta exalou uma agradável fragrância [Gonzaga, 1587, 812].

Frei Manuel da Esperança indica, que a memória desta religiosa era recordada e celebrada, no dia 10 de Outubro [Esperança, 1666, 256].

Soror Joana

Soror Joana ficou na memória da comunidade pela forma como «*ardina em saudades de seu divino esposo, derretendose em lagrimas*» [Esperança, 1666, 256]. Profetizou que a sua morte haveria de chegar em breve e assim aconteceu, no ano de 1574, surpreendendo o médico e as religiosas do mosteiro [Esperança, 1666, 256].

Soror Antónia

A segunda freira deste nome destacou-se no seio da comunidade pela sua extrema humildade e pelas confissões públicas que realizava. Prevendo que a sua morte estava próxima levantou-se do leito para ouvir a missa no coro, dizendo às companheiras, que se ia despedir do seu esposo na terra. De regresso à cama «*& compostos os braços, & os olhos, muito pacificamente deu a sua alma a Deos*» [Esperança, 1666, 257]. Durante as suas exéquias, milagrosamente, as velas usadas nas suas cerimónias foram aumentadas [Esperança, 1666, 257].

Nada consta sobre o dia ou o ano em que faleceu esta esposa de Cristo, do mosteiro de Amarante, também nada se sabe do nome que adoptara, aquando da sua profissão na Ordem.

Soror Úrsula

Soror Úrsula entrou no mosteiro com apenas três anos de idade e durante a sua infância e juventude conviveu com as primeiras clarissas de Amarante. As suas virtudes e vida exemplar são um modelo para todas as religiosas. Contudo, destacava-se pela forma como contemplava com profunda comoção a Paixão de Cristo, «*de maneira, que trazia os olhos em carne viva*» [Esperança, 1666, 257]. Consta também que era atormentada pelo medo do inferno, devido às visões, que por vezes, tinha desse lugar, mas apenas as revelava ao confessor [Esperança, 1666, 257].

Mesmo já com idade avançada, nunca faltava a uma reunião da comunidade, pressentindo a sua Hora, na altura já com noventa anos de idade, dirige-se à enfermaria dizendo que ia para morrer. São-lhe administrados todos os sacramentos e após ter sido

informada que eram nove horas, faz as respectivas orações, no fim pediu para acender umas velas às 11 000 Virgens (trata-se do culto à mártir Santa Úrsula e às 11 000 Virgens, suas companheiras), no fim e apelando a que as religiosas a confortassem no seu derradeiro momento, pronunciou as últimas palavras de Cristo (« *Pai, nas tuas mãos entrego o meu Espírito*» Lc.23-46), antes de morrer e com elas expirou [Esperança, 1666, 257]. Aconteceu isto, num Sábado no ano de 1576, em dia e mês desconhecido [Esperança, 1666, 257].

Madre Margarida

A Madre Margarida, da qual também nada consta acerca do apelido que teve, ficou na memória pela profunda humildade que transmitia às suas irmãs, em gestos, posturas e acções, nem sequer se dignava a levantar o olhar para o céu, nem conversava com as outras religiosas. Profundamente contemplativa nos mistérios dolorosos de Cristo, rapidamente se comovia e era difícil consola-la. Nas diversas provas de Fé a que foi sujeita, rapidamente as superava, recorrendo à oração do Credo. No momento em que recebeu os Sagrados Sacramentos, fez publicamente perante a comunidade religiosa, uma Profissão de Fé e encarregou sete irmãs da sua confiança, a responsabilidade de a assistirem na hora da sua morte. Apercebendo-se desse momento, pegou num crucifixo e pediu a uma das sete, que lhe lesse a passagem da Paixão de Cristo segundo o Apóstolo S. João e em grande comoção viria a morrer, no exacto momento em que lhe liam a parte da morte de Jesus. Aconteceu isto, numa Sexta-feira, no dia 15 de Março de 1580. O seu falecimento foi pressentido por uma sobrinha, professa na mesma casa, que a essa hora se encontrava no coro [Esperança, 1666, 258].

Soror Guiomar

Soror Guiomar foi outra religiosa de Santa Clara de Amarante digna de memória pela vida exemplar e pela extrema caridade que demonstrava às demais e nunca foi motivo de escândalo ou de repreensão por parte comunidade. Tinha por hábito andar sempre em silêncio, mas durante a Semana Santa não pronunciava uma palavra, não dormia, nem se assentava [Esperança, 1666, 259].

Na véspera do dia de S. Francisco (3 de Outubro) quando estava no coro teve a visão de quatro frades, que lhe estendiam uma passadeira e que a vinham buscar para o céu. Vendo isto foi a correr para a enfermaria, dizendo que aquela hora se «*avia despedido do ergastulo da carne*» e logo veio a falecer, estava-se no ano de 1589. A mesma visão teve uma mulher devota, moradora da vila, que revelou o facto às religiosas do mosteiro [Esperança, 1666, 259].

Madre Isabel do Salvador

Nasceu na Cidade do Porto, recolheu-se e professou em Santa Clara de Amarante [Esperança, 1666, 259].

Na impossibilidade de efectuar votos de perpétuo silêncio, falava apenas em caso de necessidade e quando pronunciava uma palavra, mostrava sempre grande eloquência nos seus discursos, consolava as enfermas falando de Deus, jejuava a pão e água quatro vezes por semana, e mortificava-se com cilícios, passava bastante tempo em oração e vendia parte da sua ração diária, juntando o dinheiro, para com ele mandar celebrar missas para sufragar as almas do purgatório, pelas quais mantinha em permanência no coro, uma lâmpada acesa. De Sábado a Segunda-feira, realizava em proveito das mesmas muitas orações.

Durante a Semana Santa, não falava nem dormia, descansava simplesmente, entalada entre as grades do coro e o órgão, «*assi estava em pé como estatua morta*» [Esperança, 1666, 260].

Numa noite, recolhida na sua cela, pegou nos braços uma imagem do Menino Jesus e dessa forma foi contemplando o seu nascimento. A freira que partilhava com ela a cela, pensando que o seu leito estava em chamas, espreitou pela divisória que as separava e verificou que ela embalava nos braços como mãe, cercada de luz, o Menino Deus [Esperança, 1666, 261].

Profetizou também o perigo de derrocada do refeitório e de uns dormitórios, devido a uma trave mal colocada, facto que se veio a verificar após a remoção dos revestimentos do tecto [Esperança, 1666, 261].

A sua vida terrena terminaria na Páscoa do ano de 1602 [Esperança, 1666, 259 – 260].

Soror Ana de S. João

Soror Ana de S. João, natural de Mesão Frio, destaca-se na comunidade pelo espírito humilde e de serviço, que pretendia ter no mosteiro dizendo que não era digna de fazer parte da comunidade religiosa, mas de apenas ser criada das demais. Na casa ocupava o cargo de provisor de cozinha, que tinha por missão preparar e verificar a todo o momento, as provisões alimentares da Casa. Ocupava esta função, para que as suas irmãs se ocupassem com os ofícios religiosos, no coro e não se tivessem de preocupar com o sustento do corpo [Esperança, 1666, 261].

Vestia-se muito pobremente com os piores tecidos, mortificava-se com cilícios, dormia sobre um estrado de madeira e apenas se alimentava de pão seco, com duas rodela de laranja e quando muito um ovo. Como durante o dia se ocupava dos afazeres domésticos, apenas à noite é que realizava as suas orações [Esperança, 1666, 262].

Faleceu nos finais do mês de Setembro do ano de 1602 [Esperança, 1666, 261].

Soror Maria de Santo António

Natural de Amarante, soror Maria de Santo António nasceu com o dom do canto e era durante os ofícios do coro, que se fazia notar, nos restantes momentos permanecia em silêncio. Tecia e com o dinheiro que juntou, fruto do seu trabalho comprou um sacrário em prata e uma lâmpada, para arder no seu altar, pois a sua maior devoção era o dogma de Cristo Sacramentado [Esperança, 1666, 262].

Durante três anos foi sacristã e andava satisfeita com o cargo, ao fim desse tempo foi nomeada outra religiosa para o mesmo, e soror Maria, lamentava-se dizendo que «*nem a Virgem puríssima, nem seu Filho Unigenito queriaõ servirse della*» [Esperança, 1666, 262].

Mortificava o corpo com cilícios no Advento e na Quaresma, nos restantes, usava uma áspera corda à cinta. Viria a morrer a 15 de Setembro de 1614 [Esperança, 1666, 262 - 263].

Soror Luzia dos Reis

Soror Luzia dos Reis, natural do Marco de Canavezes, ansiava deixar a vida terrena, vivendo em constante pranto, oração e confissões públicas das suas faltas, perante as outras religiosas. Na Quaresma tocava o sino e servia as demais à mesa. Também se mortificava com cilícios e foi com espanto que as religiosas examinaram o seu corpo repleto de hematomas e de chagas, no dia da sua morte, ocorrida a 20 de Outubro de 1620. Durante as suas exéquias, em aura de santidade, as saudáveis e as enfermas, trazidas em braços, foram para junto do seu corpo, beijando a mão, na esperança de alcançarem alguma graça [Esperança, 1666, 263 – 264].

Madre Soror Branca de S. João

Natural de Amarante, desde a sua infância começou voluntariamente a praticar provações, levantando-se de noite para orar e dormindo no chão sobre uma pedra. Às Quartas e Sextas-feiras cingia-se com um cilício. No Advento e na Quaresma substituíamo por uma cadeia de ferro [Esperança, 1666, 265].

Com estes pré-requisitos ingressa no mosteiro de Amarante e mantém a suas privações e sacrifícios. Tinha por hábito realizar vigílias, em honra dos santos da sua devoção e jejuava a pão e água, quatro vezes por semana. Devido a estes rigores e excessos, perdeu a cor natural do rosto e «*vestida no seu habitinho pobre não parecia freira viva, mas freira amortalhada*» [Esperança, 1666, 265]. Raramente falava com as outras religiosas e recusava-se a receber visitas no locutório do mosteiro, mesmo de familiares. Compunha algumas letras ao Menino Jesus e admoestava a comunidade para os bons preceitos morais. Na sua velhice passava os seus dias, em profunda oração e contemplação, onde viria a ter uma experiência mística com o mistério da Santíssima Trindade. Viria a falecer no Domingo de Ramos, dia 16 de Abril de 1628. Por exigência de muitos populares, que acorreram à igreja para participar nas suas exéquias, o seu corpo foi transportado para o coro baixo e aí foi velado pelos fiéis. A comunidade de Santa Clara de Amarante fez algumas relíquias do seu hábito, escapulário, rosário e cordão [Esperança, 1666, 266 - 267].

Soror Helena de Andrade



Fig. 3- Representação das filhas de Baltazar de Andrade (?) professoras no mosteiro de Santa Clara de Amarante, relevo da portaria do mosteiro de Santa Clara de Guimarães, séc. XVII.

Foto: Daniel Ribeiro.

Natural de Guimarães, filha de Baltazar de Andrade, mestre escola da Colegiada de Guimarães, ingressou juntamente com as irmãs, Catarina e Joana, no mosteiro de Santa Clara de Amarante, para depois de professar e estar devidamente instruída na Ordem, poder ser uma das primeiras abadessas de um mosteiro de clarissas, que o pai pretendia fundar na cidade vimaranense [Esperança, 1666, 267].

Após a fundação do mosteiro, em 1548 [Sousa, 2006, 366], as três irmãs regressam a Guimarães e recolhem-se na Quinta de Torrados, pelo tempo necessário, até à conclusão das obras. A entrada no novo mosteiro realiza-se no dia 12 de Agosto de 1562 e Helena agora da Cruz torna-se, na primeira abadessa da comunidade recém-formada [Esperança, 1666, 268].

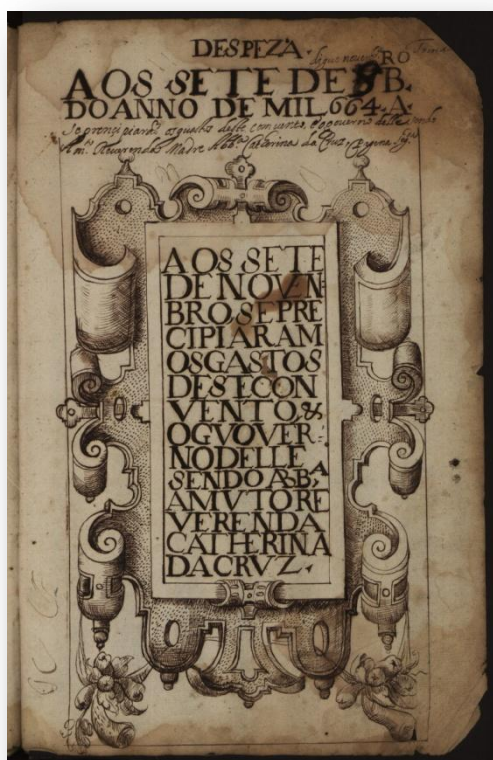
Soror Catarina de Andrade

(Ver Soror Helena de Andrade) Recebeu o nome de Catarina da Cruz e depois de ter ocupado o cargo de Vigária, tornou-se na segunda abadessa do mosteiro de Santa Clara de Guimarães [Esperança, 1666, 268].

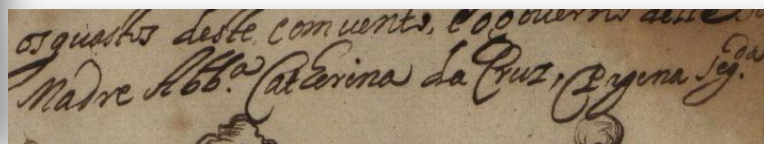
Soror Joana de Andrade

(Ver Soror Helena de Andrade) Por ter falecido antes do dia 12 de Agosto de 1562, nunca chegou a entrar no mosteiro de Guimarães, nem desempenhou o cargo de abadessa ou de vigária [Esperança, 1666, 268].

Madre Catarina da Cruz



Soror Catarina da Cruz, freira professa no mosteiro de Santa Clara de Amarante é nomeada, no ano de 1664, abadessa do mosteiro de Santa Clara de Vinhais, pelo cabido da Sé de Miranda (actual Miranda – Bragança), com o intuito de o governar e reformar [Esperança, 1666, 268]. O auge deste mosteiro acontece precisamente durante seu o abadesado [Mattoso, 2002, 392].



Figs. 4 e 5 - Frontispício do livro número 6 do mosteiro de Santa Clara de Vinhais e neste, pormenor da designação da Abadessa.

A.N.T.T- O.F.M- Santa Clara de Vinhais, livro 6, fl.1

Abadessas do Mosteiro de Santa Clara de Amarante

1ª - Madre Guiomar das Chagas – (Falecida em 1505) [Craesbeeck, 1992, 268];

Madre Catarina da Conceição – (primeira abadessa Observante do mosteiro, chamada Catarina de Aragão, ocupava o cargo de Abadessa em 1568) [Esperança, 1666, 254].

Madre Margarida – (falecida em 1580) [Esperança, 1666, 258];

Madre Guiomar – (falecida em 1589) [Esperança, 1666, 258];

Madre Guiomar dos Anjos – (em funções no ano de 1592) [Esperança, 1666, 259];

Madre Isabel do Salvador – (falecida em 1602) [Esperança, 1666, 259 - 261];

Madre Branca de S. João – (falecida em 1628) [Esperança, 1666, 265 - 267];

...

(Abadessados Trienais)

Madre Bernarda da Conceição – 1654 – 1657 [Craesbeeck, 1992, 268];

Madre D. Leonor de Jesus – 1657 – 1660 [Craesbeeck, 1992, 268];

Madre Jerónima de Jesus – 1660 – 1663 [Craesbeeck, 1992, 268];

Madre Maria da Esperança – 1663 – 1666 [Craesbeeck, 1992, 268];

Madre D. Sebastiana de Jesus – 1666 – 1669 [Craesbeeck, 1992, 268];

Madre Catarina da Cruz – 1669 – 1671 [Craesbeeck, 1992, 268];

Madre Maria Evangelista – 1671 – 1674 [Craesbeeck, 1992, 268];

Madre Maria da Nazaré – 1674 – 1677 [Craesbeeck, 1992, 268];

Madre D. Margarida de S. José – 1677 – 1680 [Craesbeeck, 1992, 268];

Madre Maria dos Serafins – 1680 – 1683 [Craesbeeck, 1992, 268];

Madre Maria Ângela do Céu – 1683 – 1686 [Craesbeeck, 1992, 268];

Madre Josefa da Cruz – 1686 – 1689 [Craesbeeck, 1992, 268];

Madre D. Margarida de S. José – 1689 – 1692 [Craesbeeck, 1992, 268];

Madre Maria dos Anjos – 1692 – 1694 [Craesbeeck, 1992, 268];

Madre D. Joana de Jesus – 1694 – 1697 [Craesbeeck, 1992, 268];

Madre Maria da Ascensão – 1697 – 1700 [Craesbeeck, 1992, 268];

Madre Maria de S. Tiago – 1700 – 1702 [Craesbeeck, 1992, 268];

Madre Teresa do Espírito Santo – 1702 – 1704 [Craesbeeck, 1992, 268];

Madre Isabel da Visitação – 1704 – 1708 [Craesbeeck, 1992, 269];

Madre Maria de S. Bento – 1708 – 1711 [Craesbeeck, 1992, 269];

Madre Guiomar da Trindade – 1711 – 1713 [Craesbeeck, 1992, 269];

Madre D. Joana da Piedade – 1713 – 1715 [Craesbeeck, 1992, 269];

Madre Maria Madalena – 1715 – 1718 [Craesbeeck, 1992, 269];

Madre Joana da Mãe de Deus – 1718 – 1720 [Craesbeeck, 1992, 269];

Madre D. Lourença de Mascarenhas – 1720 – 1724 [Craesbeeck, 1992, 269];

Madre D. Mariana de S. José – 1724 – 1727 [Craesbeeck, 1992, 269];

Madre Maria de S. Jerónimo – 1727- 1730 [Craesbeeck, 1992, 269];

...

Madre Úrsula das Virgens – (falecida em 1741)¹

Madre D. França de Afoi – 1743 – 1746² (?)

Madre Francisca de Jesus – (falecida em 1754)³

Madre Filipa Angélica – (falecida em 1763)⁴

Madre Serafina Josefa dos Jacintos – (falecida em 1763)⁵

Madre Rosa Maria dos Jacintos – (falecida em 1765)⁶

Madre D. Joana Amga do Monte Abderne – (falecida em 1781)⁷

Madre Josefa Maria de S. Caetano – (em funções na segunda metade do séc. XVIII⁸, faleceu em 1803)⁹.

Madre Clara Amália do Cenáculo – (em funções no ano de 1798, tendo à data 60 anos de idade)¹⁰.

Madre Maria Tomásia de Santa Teresa – (em funções no ano de 1805)¹¹

Madre D. Ana Augusta de Lacerda Castelo Branco – (Última abadessa do Mosteiro de Santa Clara de Amarante, ocupou o cargo até ao dia 16 de Agosto de 1862)¹².

¹ - A.D.P- Convento de Santa Clara de Amarante, Livro de óbitos do convento, fl. 15.

² - *Idem*, fl.34.

³ - *Idem*, fl.19.

⁴ - *Idem*, fl. 22 v.

⁵ - *Idem*, fl. 23.

⁶ - *Idem*, fl. 23v.

⁷ - A.D.P - Convento de Santa Clara de Amarante, livro de óbitos do convento, fl.30.

⁸ - A.N.T.T - Ordem dos Frades Menores, Província de Portugal, mç 19 (Amarante e outros), doc. 2.

⁹ - A.D.P – Convento de Santa Clara de Amarante, Livro de óbitos do Convento, fl. 36v.

¹⁰ - A.N.T.T – Ordem dos Frades Menores, Província de Portugal, mç.19 (Amarante e outros), doc. 9, fl. 3.

¹¹ - A.D. P- Convento de Santa Clara de Amarante, livro de óbitos do convento, fl. 36v.

¹² - A.N.T.T – Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Convento de Santa Clara de Amarante, cx. 2022, capilha 5, doc. 3, fl. 1.

*Levantamento das Sepulturas Epigrafadas, Existentes na Igreja
do Mosteiro de Santa Clara de Amarante, Realizado por
Francisco Xavier Craesbeeck;*

S(epultura)/ DO P(adr)E M(anu)EL/ SERQ(quei)RA/ E (h)ERD(eir)OS. S(epultura) DE GAS/PAR DO COU/TO. CAVA/LEIRO FIDALGO./ DA CAZA/ DEL REI NO/SO S(e)N(H)OR/ E DE SEUS/ (h)ERDEIROS. S(epultura)/ DE MANO/EL DE BR(i)TO E (h)ERDEIROS. S(epultura) DE FERNÃO VAS RA/BELO/ 1620. S(epultura) DE DUA/RTE RUIZ/ PINTO E SUA/ MOLHER FE/LIPA CARDOSA E (h)ERD(eir)OS. S(epultura) D(e) BA(ltasa)R/ DIAS/ ABB(ad)E DE/ S(anta) I(greja) DE GATÃO E/ (h)ERD/(eir)OS. D(ua)R(t)E CARN(ei)RO/ RANGEL QU(e)/ FOI DA CAS/ SA DE SA/ +/ FIDALGO QU(e)... DE LUIS/ DE MAGA/ LHAES. E. DE/ SUA MULHER CATARI/ NA CERQ(u)EI/RA E (h)ER/D(eir)OS. S(epultura) DE GASPARE DE/ BASTO CAVA/LEIRO FIDALGO/ DA CAZA/ DEL/ REI NOS/SO S(enh)OR E (h)ERDEIROS. S(epultura)/ DE ANT(oni)O/ VELOSO/ D(e) ASEVE/DO CA(a)L(ei)RO FIDALGO E (h)ER/DEIROS. S(epultura) DE ESPE/RANSA ES/TEVES E (h)ER/DEIROS/ (1) 603. S(epultura) DE GONC/ALO DO COVTO/ MOVTINHO/ VILLELA/ DE MAGA/LHAES E/ (h)ERD(eir)OS. S(epultura)/ DO P(adr)E G(rego)R(i)O. S(epultura)/ DE DO(mingo)S/ MENDES/ E (h)ER(eir)OS. S(epultura)/ DE PAVLO RA/BELO DE SOU/SA CAVALEIRO, Craesbeeck indica que esta tampa sepulcral tem o brasão de armas de Bairos, em ouro, com três troncos esgalhados, soltos expostos em três bandas. O timbre tem um leão com uns troncos do escudo, na boca (este timbre é desconhecido) [Craesbeeck, 1726, 264]. AQUI (j)AZ MAR/IA GO/NÇALVES. AQUI IAZ/ ANTON/IO PINTO 1560. S(epultura) DE P(edr)O CER/Q(ueir)A GADE/LHO/ DE CAR/LO(s) PACHE/QVO E SEV/S (h)ERDEI/ROS. DO/ Q(u)EI(ro)Z. S(epultura) DO P(adr)E ANT/ONIO DO/ COVTO/ E (h)ERDEI/ROS. SALV/ADOR/ VAS/ PEREIRA/ DE LOV/ZADA, esta sepultura também se faz acompanhar do braço de armas dos Bairos [Craesbeeck, 1726, 264]. S(epultura) DE AL/VARO RO/(dr)I(gue)Z E SVA M/OLHER ANT(oni)A/ SARAIVA/ E (h)ERDEI/ROS. AQUI (j)AS... A presente inscrição está colocada na vertical [Craesbeeck, 1726, 264]. S(epultura)/ DE MANOEL/ G(onça)l(e)Z E (h)ERD/EIROS. S(epultura)/ DE CATA/RINA/ F(e)R(nande)Z E (h)ERDEIROS. S(epultur)A (...)/ (...) L(ui)Z FER(r)EIR(a). A inscrição desta sepultura está colocada na Vertical [Craesbeeck, 1726, 264]. S(epultura) DE BEL/CHIOR C/ERQ(uei)RA E DE/ SEVS (h)ER(dei)ROS. S(epultura) DE GV/ASPAR CERQUEI/RA ABA/DE DE IE/IRAS. S(epultura) DE BELCH/IOR LOPES/ (e) HE(r)DEI/ROS. S(epultura)/ DO D(ou)TOR ANT(oni)O/ DE Q(uei)ROS DE SA/ A VIG(a)R(i)O GE/RAL Q(ue) FOI/ DE BRAGA EM / T(em)PO DO ARCE/B(is)PO DO(m) FREI/ BERTOLAMEV/ DOS MARTERES/ E ABB(ade) DO MOST(ei)RO/ DE SERVAS E/ DOVTRAS P(art)ES/ ANNO DE 1601. DE HERO/NIMO RI/B(ei)RO E SV/AS IRMAS/ E (h)ERDEI/ROS.

S(epultura)/ DE BOAV/ENTVRA/ DE ABR/EV E (h)ERDEIROS. DE FR(ancis)CO/
 VAS/ CARNEIRO. S(epultura) DE SIMAO/ P(erei)RA E DE S/VA MOLHE/R
 BRANCA/ SARAIVA E (h)ERDEIROS. S(epultura)/ DE ANTO/NIO DIAS/ DE
 MIRAN/DA E HER/DEIROS. AF(onso) ALV(ar)ES CERQVEIRA. Esta inscrição
 encontra-se disposta verticalmente [Craesbeeck, 1726, 266]. S(epultura) DE P(edr)O/
 TEIXEIRA. S(epultura) DE/ ANDRE T/EIX(ei)RA/ E (h)ERD(eir)OS. S(epultura)/
 DE SEBAS/TIAO BRA/VO DE A/ZEVEDO/ E (h)ER(deir)OS. S(epultura) DE
 COS/TODIO/ G(onça)L(ve)Z E DE/ SEVS (h)ER/DEIROS. ANE/LLA AL/V(ar)EZ.
 S(epultura) DE ANTO(nio)/ F(e)R(nande)Z DE/ SA/ E (h)ERD(eir)OS. S(epultura)/ DE
 FR(ancis)CA/ G(onça)L(ve)Z PIN/TA E SEVS/ (h)ERDEIROS.

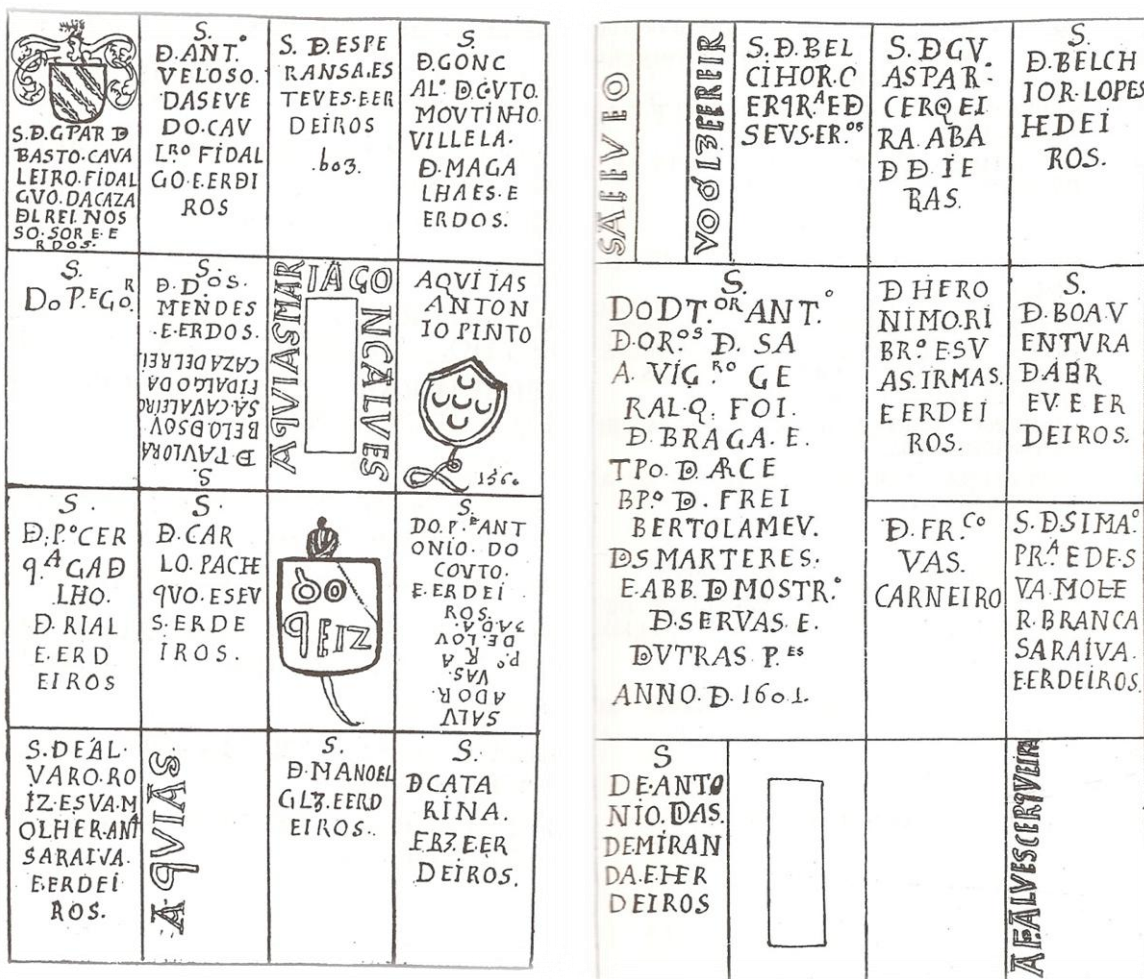


Fig. 6 e 7-Desenhos realizados Por Francisco Xavier Craesbeeck, às sepulturas existentes, na parte pública da igreja de Santa Clara de Amarante (gravura 25 e 26 [Craesbeeck, 1992, 263 e 265]).





S. DE P. TELXEI RA.	S. D ANDRE.T EIX RA. E.ERDO S.	S. D. SEBAS TIAO. BRA VO. DE. A ZEVEDO E.ERDOS.	S. D. COS TODIO GL3. E. DE SEVS. ER DEIROS.
			S. D. AN. T. R3. D. SA. E.ERDOS.
		S. D. FRCA. GL3. PIN TA. ESEVS ERDEIROS.	

Fig. 8 - Desenho realizado Por Francisco Xavier Craesbeeck, às sepulturas existentes, na parte pública da igreja de Santa Clara de Amarante (gravura 27) [Craesbeeck, 1992, 267].

Anexos II

MAPAS e PLANTAS

A Evolução da Ordem dos Frades Menores em Portugal

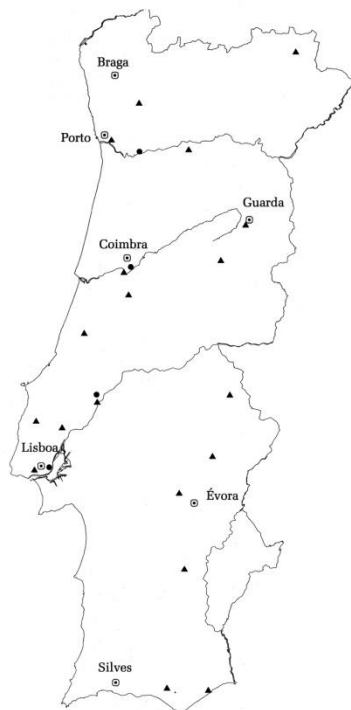


Fig. 9 – Localização das Casas, no séc. XIII [Sousa, 2006, 264].

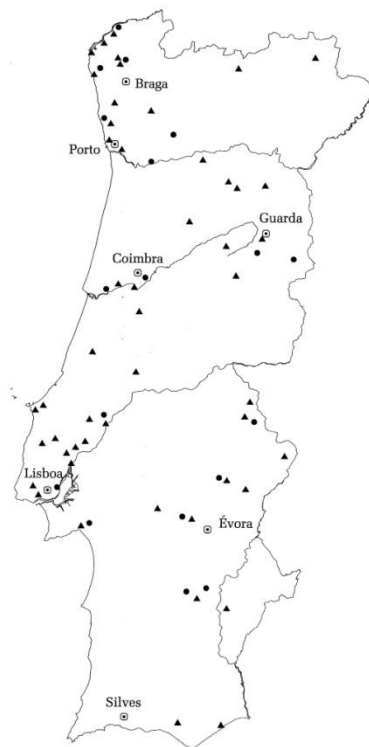


Fig. 10 -Localização das Casas, no séc. XV [Sousa, 2006, 265].

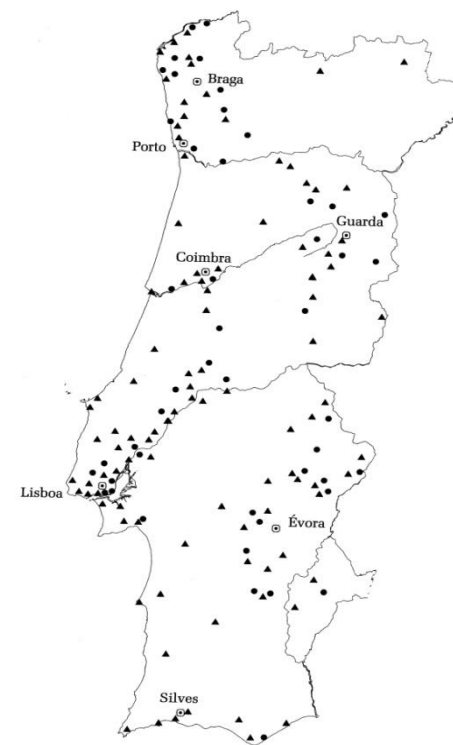


Fig. 11 -Localização das Casas, no séc. XVI [Sousa, 2006, 269].

Legenda:

Conventos de Franciscanos - ▲

Mosteiros de Clarissas - ●

As Principais Vias de Comunicação do Norte de Portugal

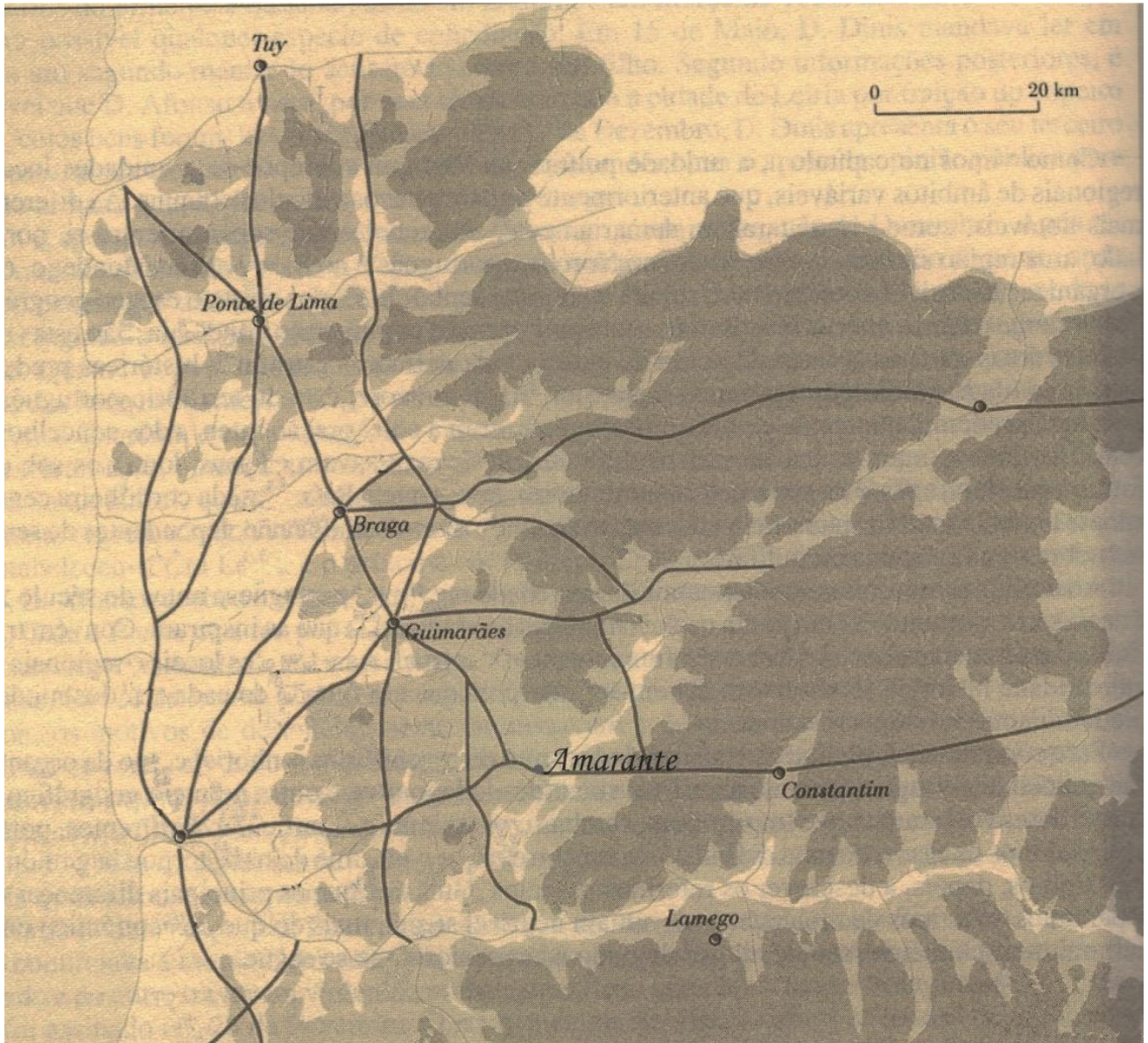


Fig. 12- As principais vias de comunicação terrestre do Norte de Portugal, na Idade Média [Mattoso, 1997, 142].

Uma Esquematização Urbana de Amarante na Idade Média



Fig. 13 – Esquema do perfil urbano de Amarante na Idade Média:

1- Ponte de Amarante; 2- Ermida de Nossa Senhora da Assunção; 3- Recolhimento de Amarante; 4- Igreja de Santa Maria Maior da vila de Amarante, 5- Ponte de Santa Luzia, 6- Capela de Santo Estêvão e albergaria de Amarante; 7- Capela e Gafaria de S. Lázaro; 8- Igreja de S. Veríssimo da vila de Amarante; 9- Paço de Sá. A- Núcleo Urbano de S. Sebastião/S^{ta}. Clara/ S. Domingos; B- Núcleo Urbano de Lodos/Portela; C- Núcleo Urbano de Santa Luzia/ Ordem; D- Núcleo Urbano da Torre/S. Veríssimo.

⊙ Contexto Urbano do Mosteiro de Santa Clara de Amarante/Casa da Cerca

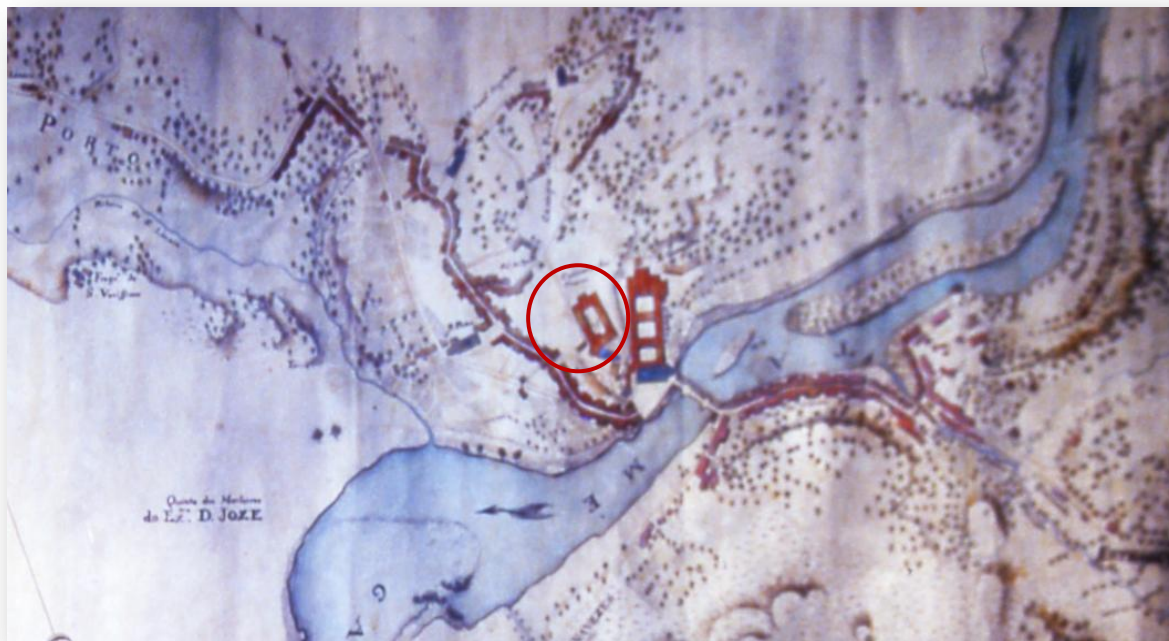


Fig. 14 - A inserção urbana do Mosteiro de Santa Clara de Amarante, nos inícios do séc. XIX, segundo a “Planta para a Reedificação da Memoravel Villa d’ Amarante” - Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso – Amarante.

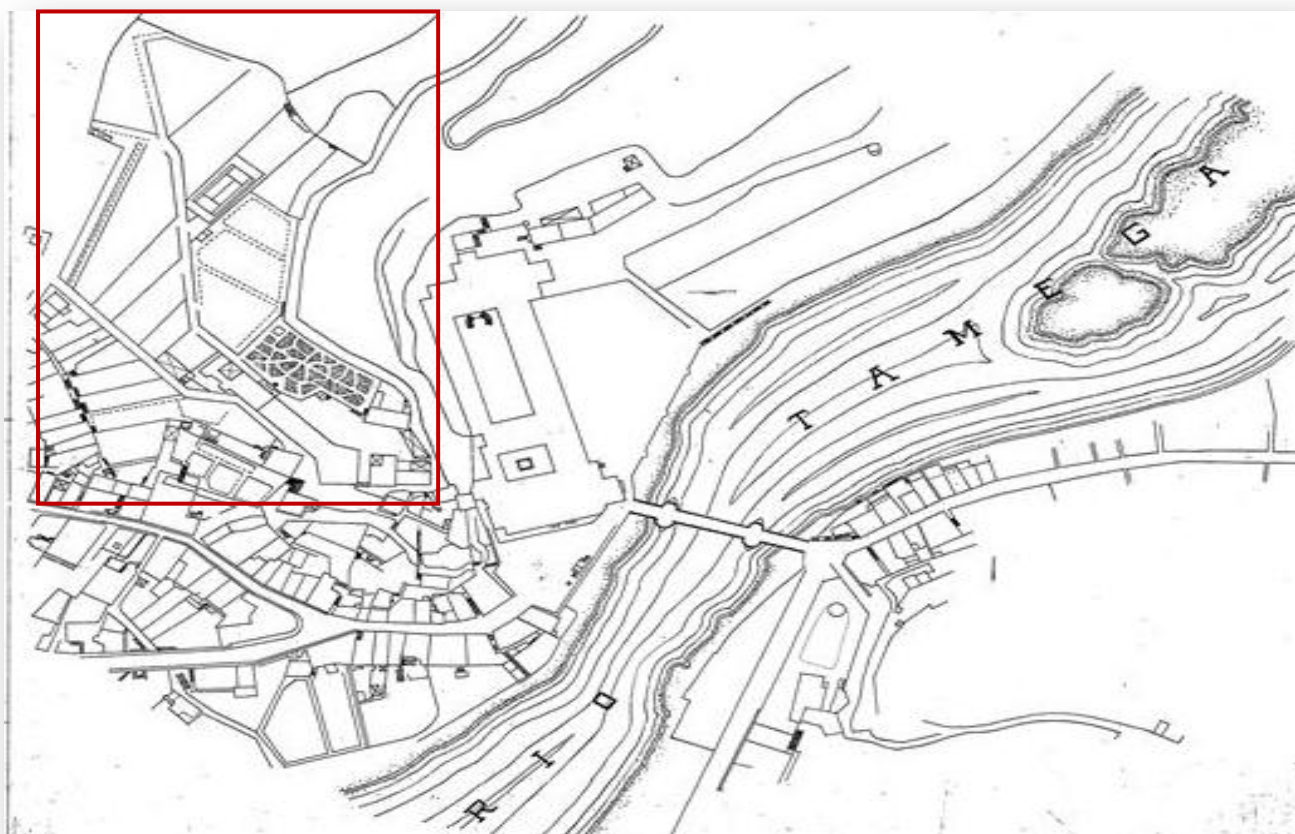


Fig. 15- Pormenor da planta da zona de protecção da igreja de S. Gonçalo – Amarante, executada pela D.G.E.M.N, nos anos 50. A Vermelho planta da Casa da Cerca e respectivas propriedades agrícolas a ela anexas.

Fonte: S.I.P.A

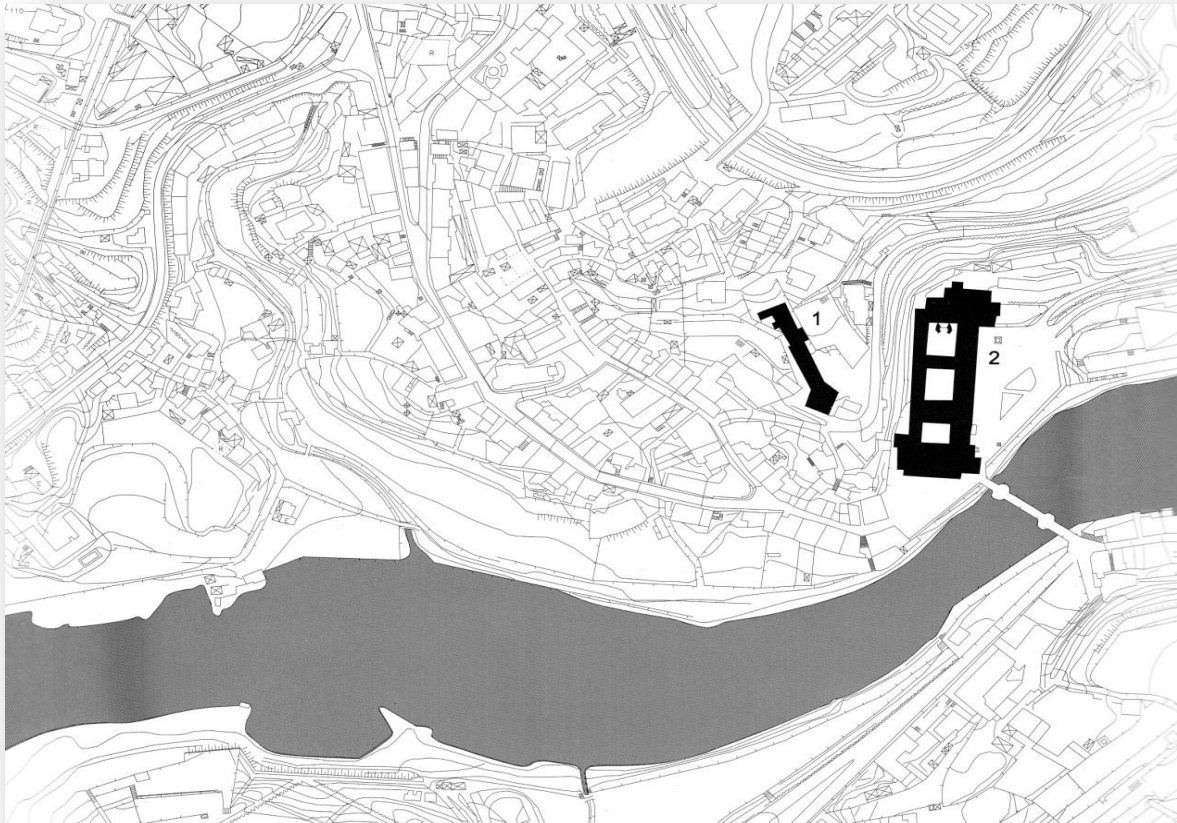


Fig.16 – A actual implantação do Antigo Mosteiro de Santa Clara (1) e do Convento de S. Gonçalo (2), na malha urbana de Amarante [Reis, 2003, 50].

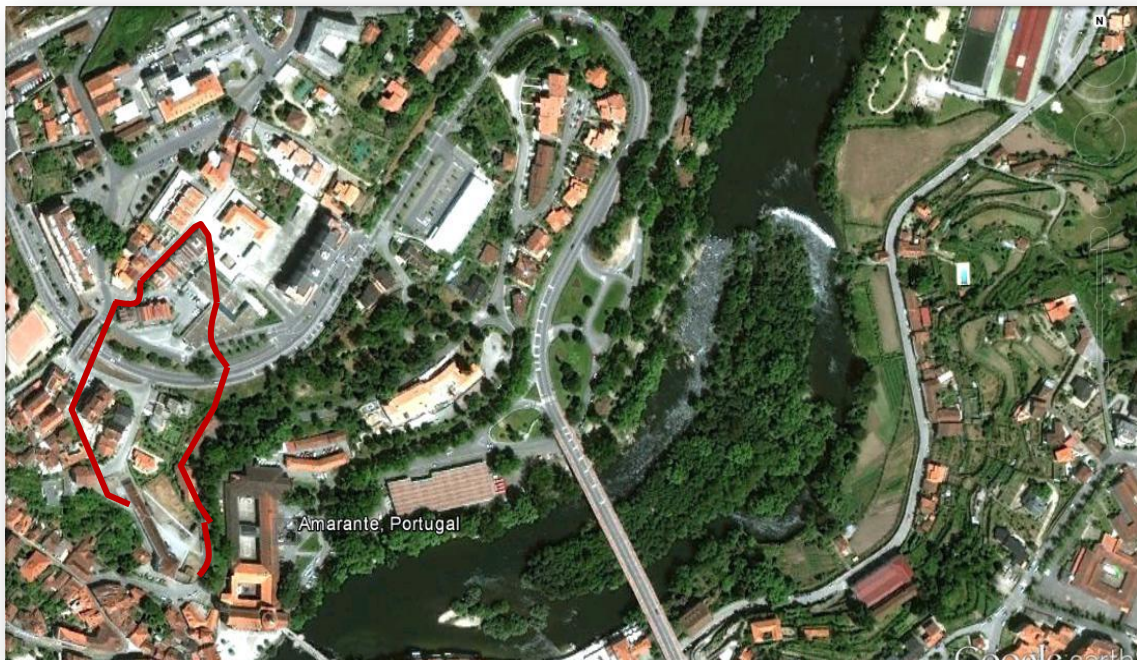


Fig. 17- Projecção da Cerca de Santa Clara de Amarante, na actual malha urbana de Amarante.

Projeção da Planta do Mosteiro de Santa Clara de Amarante

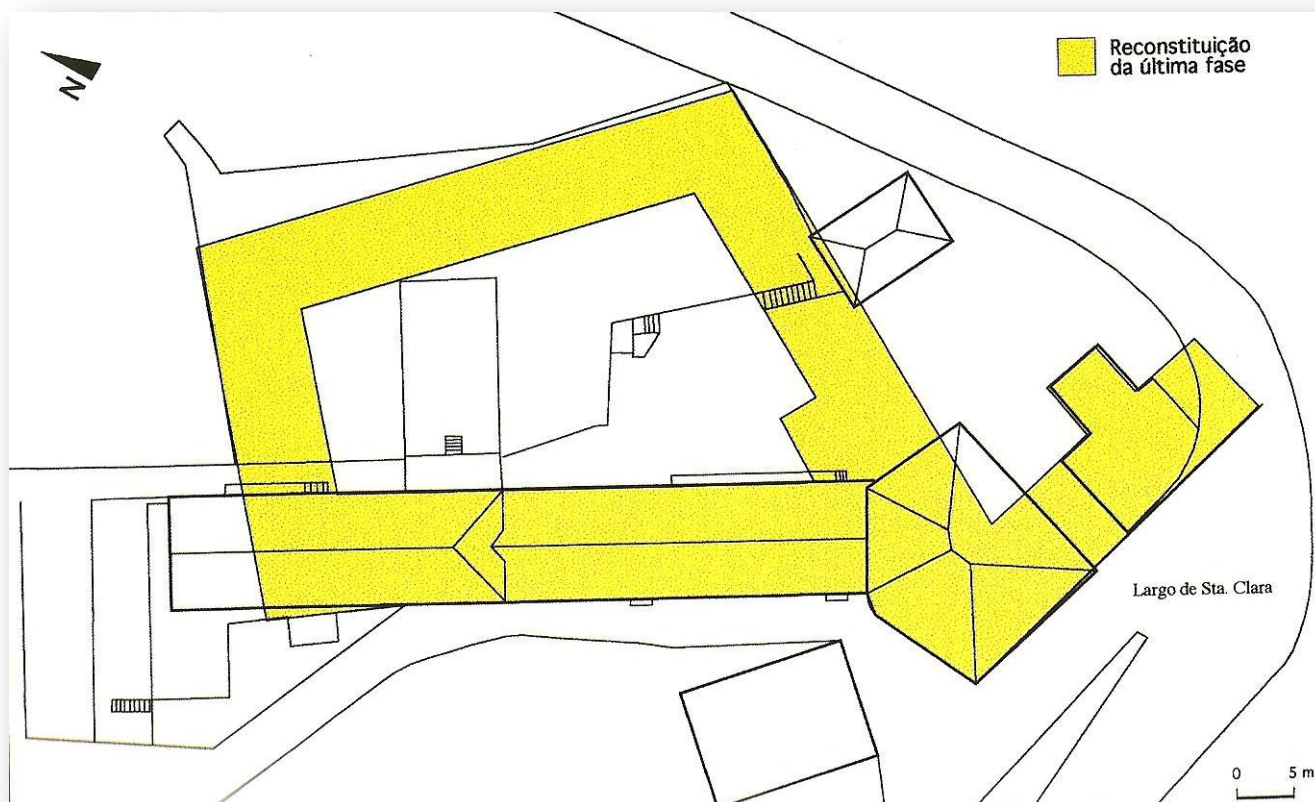


Fig. 18 – Projeção da planta do mosteiro de Santa Clara de Amarante, na Época Moderna, mediante os resultados dos trabalhos arqueológicos [Teixeira, 2000, 549].

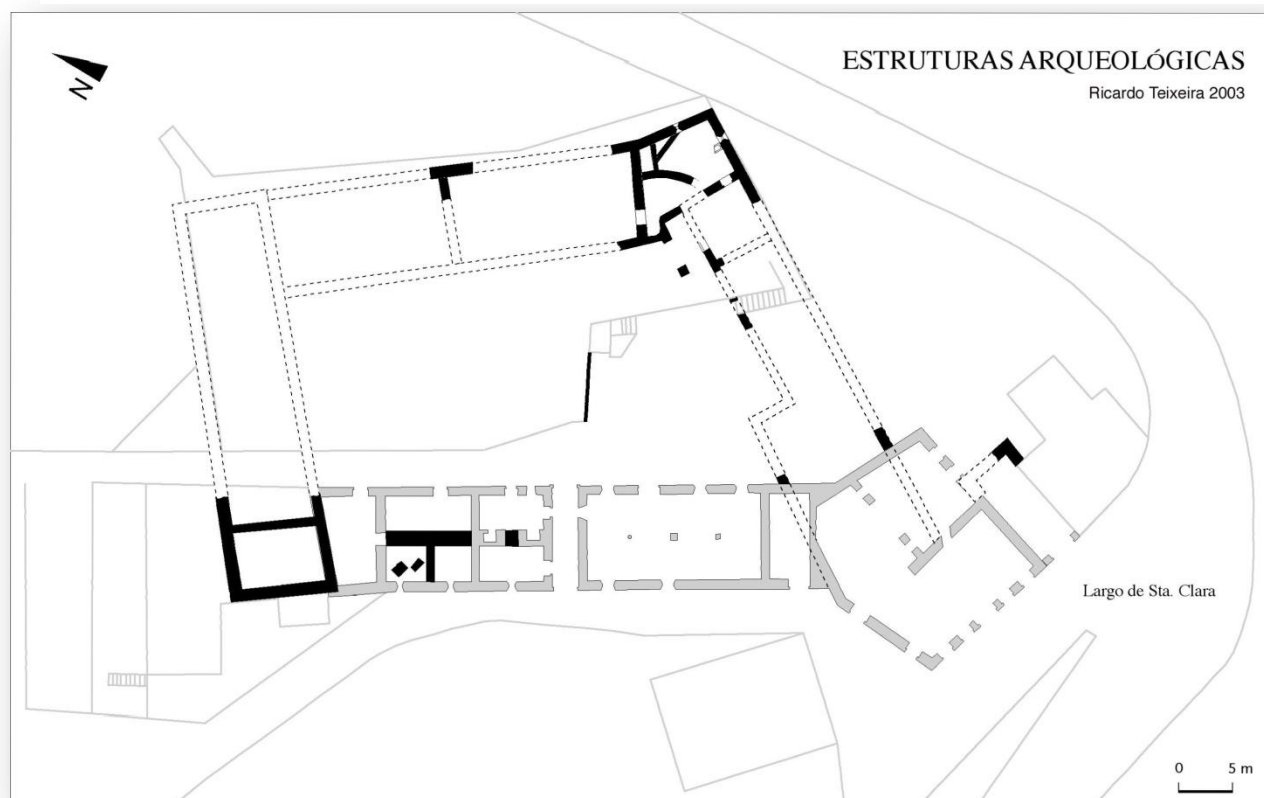
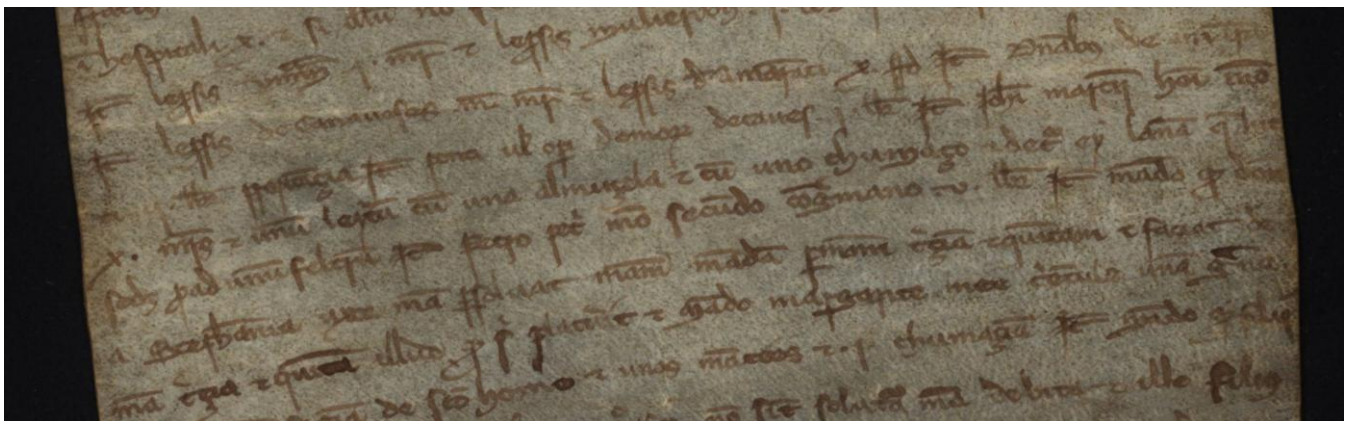
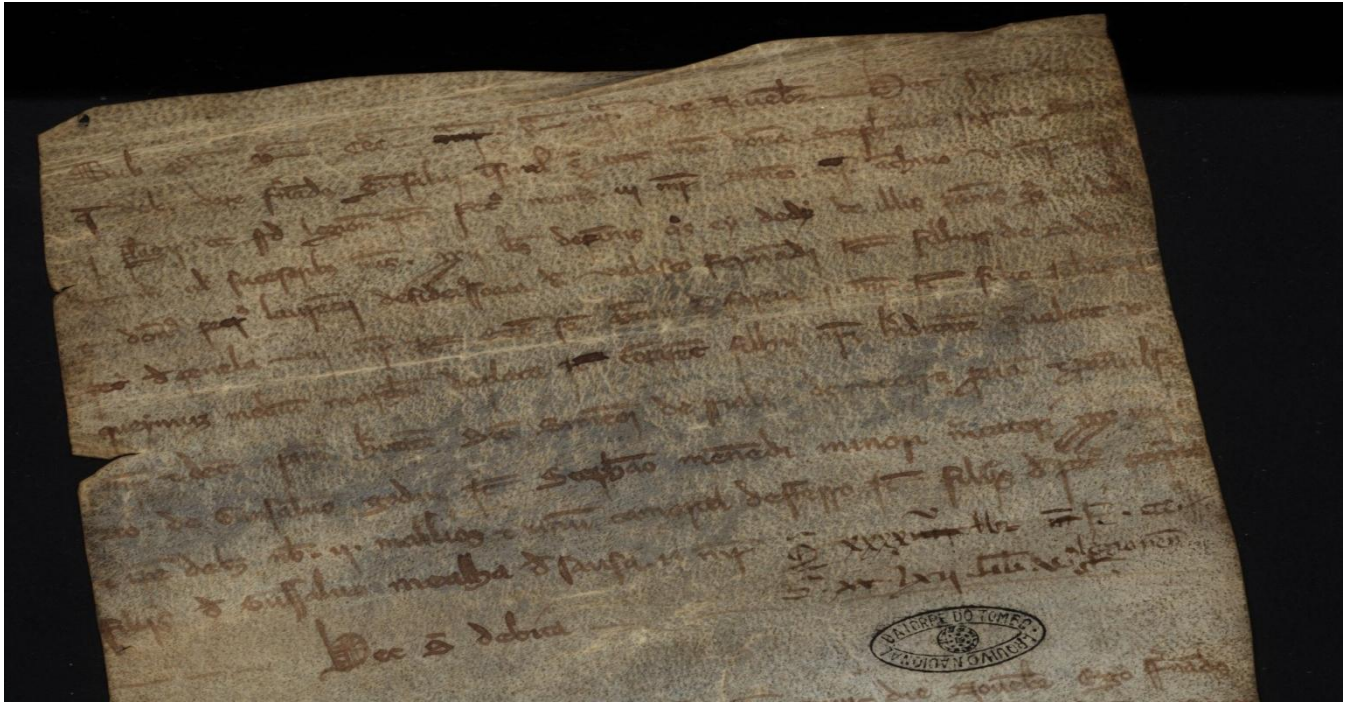


Fig. 19- Planta das estruturas reveladas pelos trabalhos arqueológicos decorridos no âmbito do projecto de adaptação da Casa da Cerca a biblioteca e arquivos municipais [Teixeira(a), 2010, 1].

Anexos III

FUNDO DOCUMENTAL



Transcrição:

Sub era millesima tricentésima decima quarta die Nouembris. Hec sunt debita / que debet dare .../

In Dej nomine. Amen.

Sub era millesima tricentésima decima. Octava die Nouembris ego Fernandus / Gunsaluj in meã memoria et in meo integro sensu timens extremum diem uite mee / meum facio testamentum.../

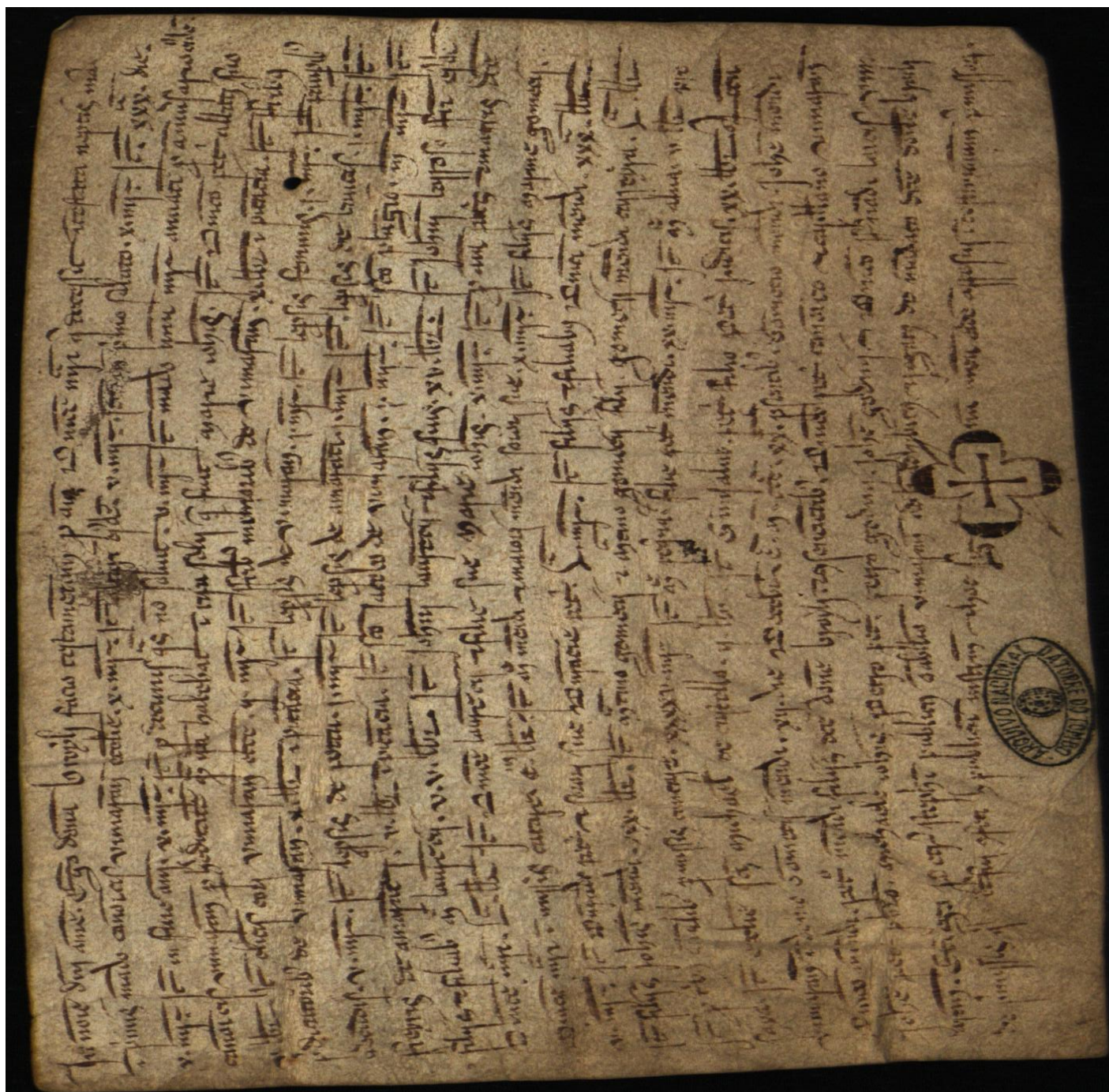
Item Ffratribus / predicatoribus si Vimarane fecerint monasterium .XV. libras, et si illum non fecerint dent eisdem / Ffratribus .V. libras pró pitançia de dictis .XV. libras.

Item Fratribus Minoribus si fecerint monasterium / in hospitali X. et si illum non fecerint nichilum detur eis.

Item mando eis .V. libras pró pitançia /

...Item et leprosis d'Amaranti .X. ssolidos.

Item Dominabus de Amaran / ti .Ij. libras pró pitançia [Rosário, 1981, 75 – 76]...



Transcrição:

In nomine Domini. Amen.

Ego domna Broyli facio testamentum pró anima Durancie Martini que decessit intestata nepotis meae/

...Item Ffratribus Minoribus de Vimarane .X. libras in pitantia.

Item Ffratribus / Predicatoribus de Vimarane .X. libras in pitantia.../

...Item / Freyris de Amarantj .V. libras in pintancia.../

-Actum / Vimarane in domo Gometij Menendi. Duodécima. die Decembris era millesima tricentésima vigésima [Rosário, 1981, 79]...

Doc. 3- 1333, Abril, 16 – Santarém – D. Afonso IV toma à sua guarda e protecção o mosteiro de Santa Clara de Amarante com todos os seus bens e pessoas a ele de algum modo ligados. Inserto na confirmação que D. João III, a 28 de Janeiro de 1536 (Nota: Houve um erro na transcrição da data, do documento original, pois em 1323, D. Afonso IV ainda era infante).

A.N.T.T- Chancelaria de D. João III, livro 22, fl. 144.

[Handwritten text in a cursive script, likely a medieval document. The text is dense and difficult to decipher due to the cursive style. A circular stamp is visible in the upper right corner.]

[Circular stamp: ARMA NACIONAL DO TIMPE DO TONDO]

[Marginal notes on the left side of the page:]
Barboza e
muro de
marande

Transcrição:

Dom João etc. A quantos esta minha carta virem faço saber que por parte d'abadessa e freiras do mosteiro de Santa Crara d'Amarante me foy apresentada huma carta del rey dom Afonso que Deus aja de que o teor tal lhe:

- Dom Afonso per graça de Deus rey de Portugall e do Algarve a quantos esta carta vyrem faço saber que recebo em minha guarda e em minha emcomenda e sob meu defendimento as donas e os seus homens e seus gados e seus erdamentos e posyções e todalas outras suas cousas por que mando e defendo que nam seya nehuum ousado que faça mall nem força as ditas donas nem a seu mosteiro nem pousem em elle contra sua vontade nem a seus homens nem a seus gados nem a seus erdamentos e poyções nem a nenhuma das outras cousas ca aquelle que all fizer peytar me ha os meus encoutos dos seys myl soldos e pagara as ditas donas em dobro o mall ou força que a ellas e ao dito seu mosteiro ou cada huma das suas cousas fizer. Em testemunho desto lhe dey esta minha carta. Dante em Santarem a XVI dias d'Abril III^c. El rey o mandou pello electo de Viseu seu chanceler. Gonçalo Fernandes a fez. Era de myll III^c LXI annos.

Pedindo me a dita abadessa e freiras por meu que lhe confirmasse a dicta carta. E visto per mim seu requerimento querendo lhe fazer graça e mercee tendo por bem e lha confyrmo e ey por confirmada asy e na maneira que se nella contem. E assim mando que se compra e guarde sem duvida nem embargo alguum que a ella ponham por que asy o ey por bem. Alvaro Fernandes a fez em Evora (?) a XXVIII dias de Janeiro anno de nosso Senhor Jhesus Christo de mill V^c XXXVI annos [Marques, 1982, 41].

Transcrição:

Dom João etc. A quantos esta minha carta virem faço saber que por parte da abadesa e freiras do mosteiro de Santa Crara d'Amarante me foy apresentada huma carta del rey dom Joham o primeyro que Deus aja de que o teor tall lhe:

- Dom Joham polla graça de Deus rey de Portugall e do Algarve etc. a quantos esta carta vyrem fazemos saber que nos recebemos em nosa guarda e emcomenda e sob nosso defendimento has donas d'Amarante que trazem o abyto de Samta Crara e a seu mosteiro e seus homens e a seus guados e seus erdamentos e posysoes e todallas outras cousas. Porem mandamos e defendemos que não seya nenhum tão ousado que faça mall nem força aas ditas donas e a seu mosteiro nem pouse em elle contra sua vomtade nem lhes tome nenhuma cousa do seu contra sua vontade sob pena de nosos encoutos e de pagar aquello que lhe asy tomarem ou mall e forças que a ellas e ao dicto seu mosteiro ou a cada huma das suas cousas que fizerem em dobro. Em testemunho desto lhe mandamos dar esta nosa carta. Dante em Guymaraes XXVI dias de Dezembro. El rey o mandou per Lourenço Annes Fogaça seu vasallo e chanceler, Vasco Vicente a fez. Era de myll e quatrocentos e vynte sete annos.

Pedindo me a dita abadesa e freiras por mercee que lhe confirmasemos a dita carta. E visto per mim seu requerimento tenho por bem e lha confirmo e ey por confirmada asy e da maneyra que se nella conthem sem duvida nem embargo algum que a ello seya posto, Valasco (?) Lopes a fez. Evora a XXVIIIº dias de Janeiro de myll V^c XXXVI annos. A qual carta lhe confirmo por esmolla [Marques, 1982, 42].

Transcrição:

[sic] E por elle foi dito que o Rdo P.^c frey D.^{os} de Jezus Religioso de S. Fran.^{co} Confeçor das Religiosas do mostr.^o de S.^{ta} Clara da villa de Amarante lhe emcomendara lhe fizese hum Retabollo com sua Trebuna p^a a Ig.^{ra} do dito mostr.^o na forma do Risco que elle dito Mestre p^a esse effeito fizera com todo o primor da Arte E com as mais circumstancias apontadas em hua Carta que o dito Religioso lhe escrevera asinada a dita Carta e Risco per Min tã gal em preso de Cem mil rs alem de outras couzas contheudas no dito Risco E Carta que as ditas Religiosas lhe pagarão alem dos ditos Cem mil rs o quoyal lhe daria feito E acabado Com todo o primor athe dia de S. João Bap.^{ta} pr.^o vindouro deste presente Anno E a tudo elle dito Mestre dar prefeito E acabado E asentado na dita Ig.^{ra} na forma em que se ajustara com o dito Rdo P.^c confeçor obrigava Como obrigou a sua pesoa E todos seus bens moveis E de rais avidos E por aver [Brandão, 1984, 742 – 743]...

reforma da dita... 190

Antonio Rodrigues José Antonia s.r. Vilaca
Joseph Antonio Ribeiro
Ant. de Mag. de Aguiar
Ant. de Aguiar

Transcrição:

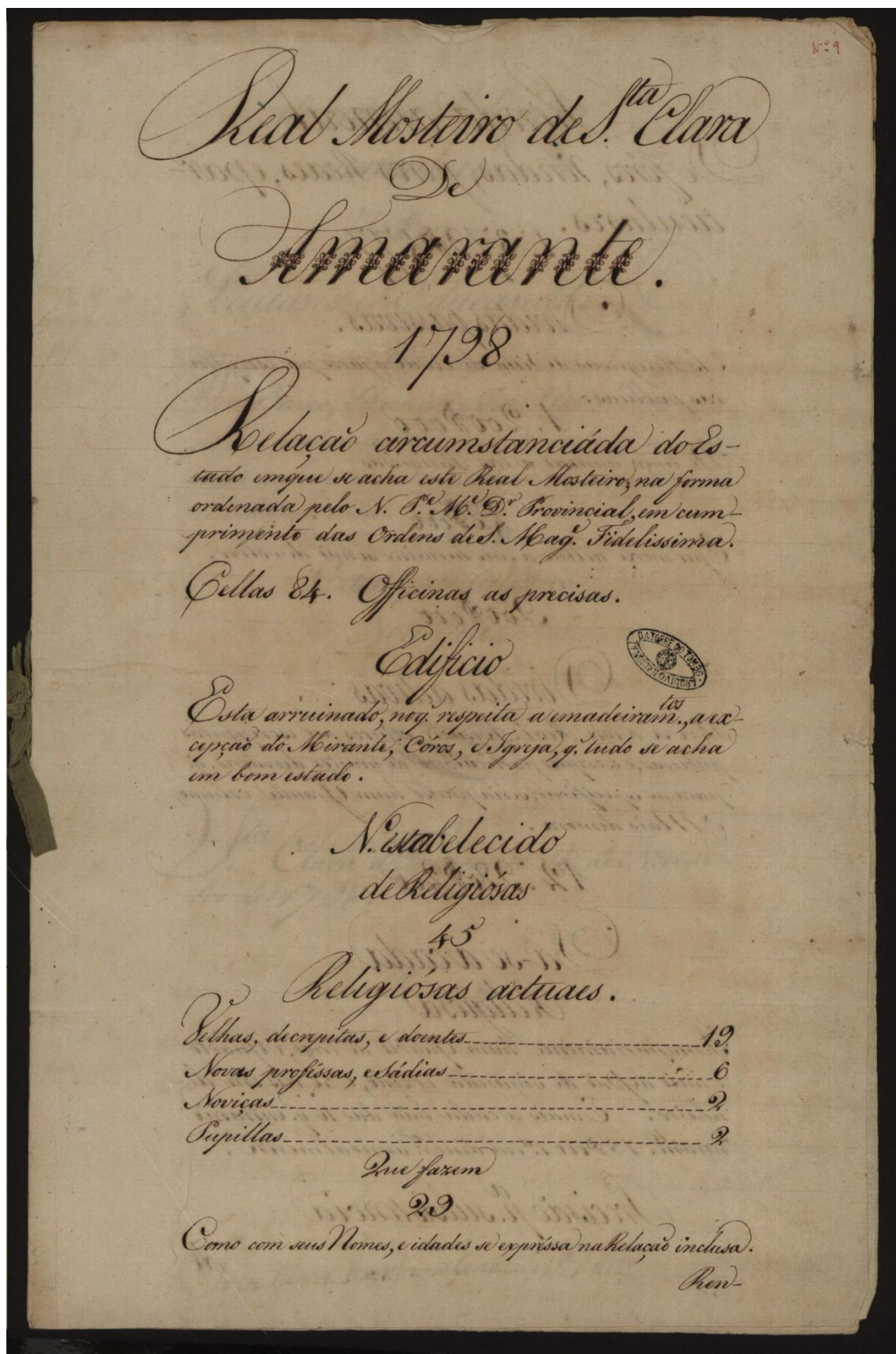
Contr.º da Obra da Tribuna p.^a o Altar da Capella mor do mostr.º de Santa Clara da V.^a de Amarante com Joze An.^{to} fr.^a Villaça desta Cid.^e

Em nome de Deos Amen, saibão q.^{tos} este P.^{co} Instromt.º de Contr.º de obra de tribuna e retabollo e obrigação virem que no anno do nassimt.º de nosso Sñr. Jezus christo de mil e setecentos e sinq.^{ta} e coatro annos aos dezoito dias do mes de nobr.º deste mesmo anno nesta cidade de Braga no terr.º da Prassa do pão della e cazas de Cartr.º deste of.^l ahi perante mim tamgel e t.^{as} ao diante assinados apparecerão prez.^{tes} o Rd.º An.^{to} Roiz Abb.^e de Santa Sezilia de Villaça tr.º de B.^{os} como proc.^{or} do Illm.º e exllm.º Sñr. Conde de Ridondo, Padroeiro do mostr.º de Santa Clara da v.^a de Amarante como constava de huma p.^{cam} que me apresentou de huma p.^{te} e da outra Joze An.^{to} fr.^a Villaca escultor mor. no terreiro de São Lazaro desta Cid.^e pessoas por mim reconhecidas e por elle mt.º Rd.º Abb.^e An.^{to} Roiz foi dito que elle estaua contratado com o dito mestre Joze An.^{to} fr.^a villaca delle lhe fazer p.^a o Altar da Capella mor do dito mostr.º de Santa Clara da v.^a de Amarante hum retabollo com seu camarim e pianha da tribuna na forma da planta e risco que ao fazer desta se entreguou ao dito mestre assinado pella Rd.^{ssma} Dona Abb.^a e por elle m.^{to} Rd.º Abb.^e e dito mestre a coal obra fara elle dito mestre de madr.^a castanha boma liza sem nos nem podridão alguma toda serne sem carne e a dará feita acabada e assenta dentro de noue meses pr.^{os} seg.^{tes} e não a dando feita no d.º tp.º perdera de Presso da d.^a obra trinta mil rs. e feita e acabada e assentada a dita obra no dito Altar sera vista por dois mestres que bem a entendão hum por p.^{te} do Illmo. e exellmo Sñr. Conde de Redondo e outro por p.^{te} delle dito mestre p.^a detreminarem se a d.^a obra esta feita na forma da d.^a planta e appontamt.^{os} e não vistando a reformaria elle dito mestre a sua custa pella coal obra se lhe dara duzentos e oitenta e sinco mil reis com obrigação delle dito mestre fazer mais seis castissaes do feitio dos de nossa Sñra da boa memoria da Se primas desta Cid.^e e do tamanho que a capella e tribuna o pedir com sua crus no meio a romana com o pe a imitação dos mesmos castissais e p.^a as portas de serventia da d.^a tribuna e sacrario dara elle dito mestre as dobradissas capazes as coais duz.^{tos} e oitenta e sinco mil rs. se lhe darão e pagarão em três carteis a saber o primeiro no principio da outra (obra?) e outro no meio, e outro no

fim da obra depois della vista pellos ditos mestres se esta na forma da d.^a planta e risco os coais pagam.^{tos} hira elle dito mestre a receber a d.^a v.^a damarante a caza de João da Silva Telles e por elle dito mestre Joze An.^{to} fr.^a Villaca foi dito que elle se obrigaua a fazer a dita obra e assentalla no d.^o Altar na forma da dita planta e risco de boa madr.^a castanha liza sem nos e serne com toda a porfeição da Arte e dentro no dito tp.^o ... An.^{to} e Mag.^{es} teixeira/ meu ajudante e Joze An.^{to} Ribr.^o curssante que na versid.^e de Coimbra da rua nova desta Cid.^e que todos aqui assinarão depois desta ser lida por mim tamgel Rafael da Rocha Malhr.^o que a escrevy... o Abb.^e Antonio Rodrigues/ Joseph Antonio Ribeiro/ An.^{to} de Mag.^{es} Teyxr.^a/ Josê Antonio Frr.^a Villaça/ M.^{el} de A.^{rq} [Smith, 1972, 706].

Doc. 7 - 1798, Novembro, 14 - Amarante - Relação do Estado do Mosteiro em 1798.


A.N.T.T - Ordem Frades Menores, Província de Portugal, mc 19 (Amarante e outros), doc. 9, fl. 1.



Doc.8- 1827, 12 de Setembro – Lisboa – A Infanta Regente, D. Isabel Maria notifica o Ministro Provincial da Ordem dos Frades Menores, de que o Mosteiro de Santa Clara de Amarante, já se encontra apto, para de novo receber a sua comunidade religiosa.

A.N.T.T- Ordem dos Frades Menores, Província de Portugal, mc.19 (Amarante e outros) doc. 61

N.º 61

 Dona Isabel Maria Infanta Regente dos Reinos de Portugal e Algarves e seus Dominios em Nome de El Rei.

Faço saber a Vós Ministro Provincial dos Menores Observantes da Província de Portugal, que tendo subido a Minha Real Presença a Consulta a que Mandeí proceder pela Junta do Grama do Estado actual e Melhoramento temporal das Ordens Regulares sobre o Requerimento da Camara da Villa de Amarante, em que Me pedia a Verificação do Regresso das Religiosas que se achão dispersas por diversos Conventos, para o seu de Santa Clara da mesma Villa, em cumprimento da Resoluçã de quatro de Janeiro de mil oitocentos e vinte e seis, visto achar-se este já reedificado com segurança de Clauzura, decencia da Igreja, aptidão de Officinas, e mais accommodaçõs necessarias para as receber. E conformando-Me com o Parecer da referida Junta, visto tambem terem-Me assim requerido quatro Religiosas do mesmo Convento, as Meadres Josefa Narcisa de Nossa Senhora, Maria Benedicta de Santa Anna, Antonia Candida de Jesus, e Marianna Angelica de Nossa Senhora; não tendo o motivo algum para que deixe de executar-se a referida Resoluçã de quatro de Janeiro de mil oitocentos e vinte e seis, em que se Manda regressar todas as Religiosas para o dito seu Convento dentro de seis mezes; e antes pelo contrario, tendo-se tornado mais facil o seu cumprimento em consequencia dos Reparos, e melhoramento da Administraçã que tem havido, desde entã para cá: Sou Servida Ordenar-Vos, que sem perda de tempo façaes recolher no Convento de Santa Clara de Amarante da vossa obediencia as referidas quatro Religiosas que assim o pedem, a Meadre Josefa Narcisa de Nossa Senhora, a Meadre Maria Benedicta de Santa Anna, a Meadre Antonia Candida de Jesus, e a Meadre Marianna Angelica de Nossa Senhora. E em quanto a outras quatro Religiosas que se achão residentes no Convento de Monchique, tambem da vossa obediencia, Sou outo sim servida Ordenarvos que intimeis as que recurrarem

regressar immediatamente ao seu Convento de Amarante, que dentro de tres mezes apresentem pela referida Junta Devoe Apostolica que lhes permitta incorporarem-se perpetuamente nesse Convento de Monchique que preferem, tendo justas causas para tal requererem; e que desde o dia em que se verificar a entrada das outras Religiosas no seu Convento de Amarante cesse a Prestação diaria de quatro centos reis que em virtude de outra Resolucao de Consulta e Provisao expedida pela referida Junta em datta de dezesette de Janeiro de mil oitocentos e dezesette se mandou dar a cada hum das Religiosas desta Comunidade nos diversos Conventos em que temporariamente residias; visto que pela regresso das outras ao seu Convento se mostra ter cessado o motivo que lhes permittia sustentarem-se a custa delle em Convento estranho; devendo por isso as Religiosas que se mostrarem legitimamente incorporadas no Convento de Monchique, ou em qualquer outro, receber do de Amarante, em quanto vivas, os juros do Dote com que haja Professo ali; no caso de algumas dellas terem entrado com Escripçao de Prestação annual, deverá celebrar-se nova Escripçao em que se traspasse para a Comunidade de Monchique o Direito que o de Amarante tinha a perceber a Prestação da Religiosa mencionada na anterior Escripçao; e no caso de que alguma das Religiosas que recusarem regressar ao seu Convento de Amarante haja ali Professado gratuitamente sem Dote nem Prestação, nada poderá exigir, nem receber do Convento de Amarante a titulo de Alimentos desde o dia do regresso das outras, devendo desde entao em diante ser alimentada pelo Convento em que haja preferido incorporar-se, e no qual prestar os seus servicos: Ficando vos na intelligencia de que se expedirao as Ordens necessarias aos seus respectivos Ordinarios. Cumprido assim, fazendo registar esta nos lugares competentes. A Senhora Infanta Regente em Nome de El Rei o Mandou de Seu Especial

Mandado pelos Ministros abaixo assignados, Deputados da
Junta sobredita do Exame do Estado actual e Melhoramento
temporal das Ordens Regulares. Duarte Clemente Barbosa
Torres a fer em Lisboa aos doze de Dezembro de mil oitocentos
e vinte e sette.

Lucio José de Souza a fez escrever.

Lucio José de Souza. *Dr. Antonio Cardoso.*

Anexos IV

GRAVURAS

Gravuras da Vila de Amarante, que Representam o Mosteiro de Santa Clara de Amarante



Fig. 18- Pormenor do Mosteiro de Santa Clara de Amarante segundo gravura da Vila de Amarante, de Gregório Francisco de Queirós, s.d (séc. XVIII), colecção do Eng. Pedro de Alvellos [Cardoso, 1979, 155].

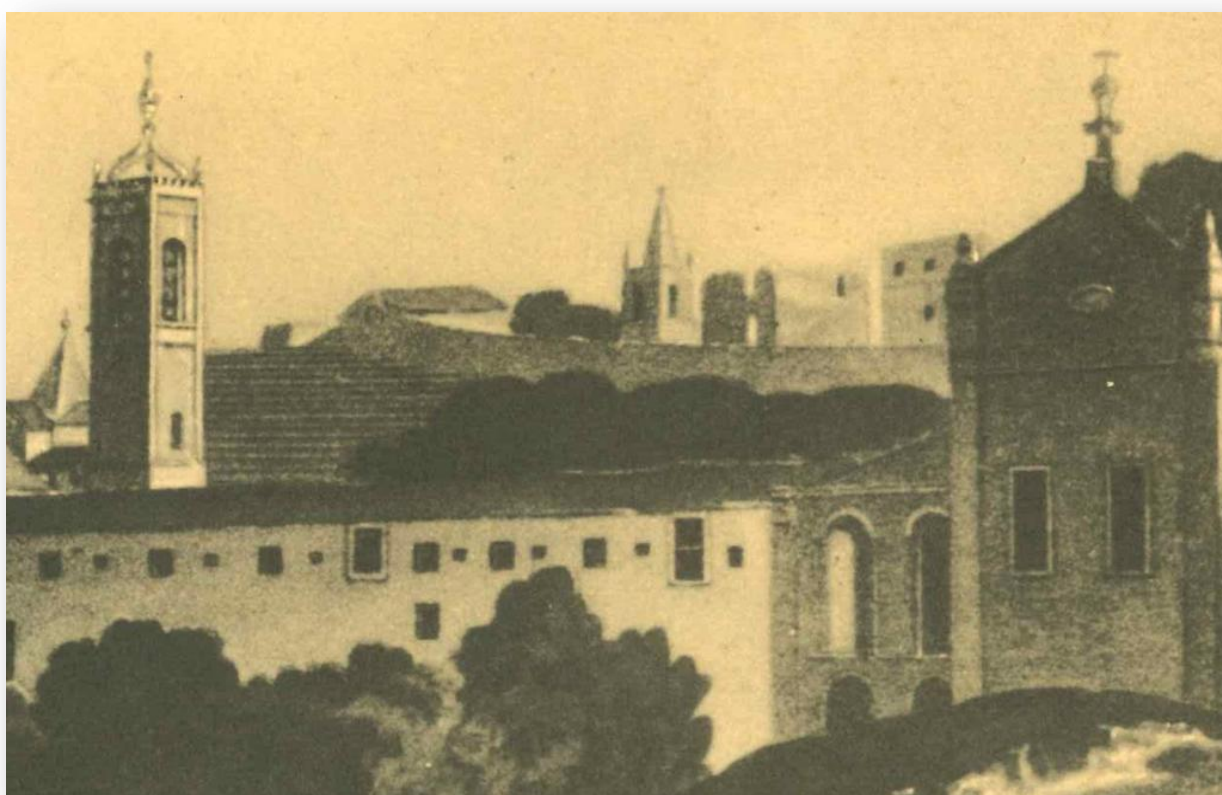


Fig. 19- Pormenor do Mosteiro de Santa Clara de Amarante, após o incêndio e a batalha do dia 18 de Abril de 1809, segundo gravura de Amarante, da autoria de Baily, S. D, (segunda década do séc. XIX), Colecção do Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso - Amarante.

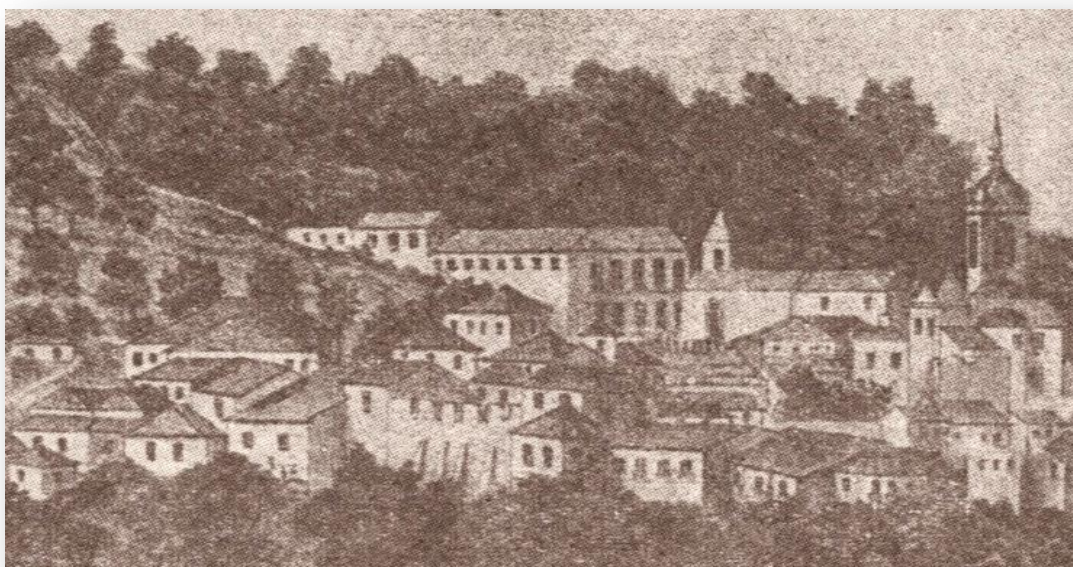


Fig. 20- Pormenor do Mosteiro de Santa Clara de Amarante, segundo gravura “*Vista da Villa d’ Amarante*”, de António Joaquim de Sousa Vasconcelos, 1842, colecção Eng. Pedro de Alvellos [Cardoso, 1979, 5].



Fig. 21- Pormenor do Mosteiro de Santa Clara de Amarante, segundo litografia: “*Amarante on the River Tâmega*”. Entre Douro e Minho, T. Cadell & W. Waves, Strand, Londres, 1813 [Cardoso, 1979, 177].



Fig. 22- Pormenor da Casa da Cerca, segundo postal “Amarante - Vista Tirada no Nascente” editado por Alfredo Gregório, início do séc. XX.



Fig. 23 - Pormenor da Casa da Cerca, nos anos 40, segundo postal “Viveiros e Vista Parcial – Amarante”, reeditado pelo Círculo Lago Cerqueira, no âmbito das Comemorações dos 125 anos do Nascimento de António do Lago Cerqueira, 2005.

Foto: M. da Costa



Fig.24- Pormenor da Cabeceira da Igreja de Santa Clara e da respectiva cerca monástica, segundo fotografia dos anos 50 do séc. XX, Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso.



Fig. 25- O Antigo Mosteiro de Santa Clara de Amarante, na actualidade.
Foto: Daniel Ribeiro.

Anexos V

*O MOSTEIRO NA
ACTUALIDADE*

⊕ Mosteiro de Santa Clara de Amarante na Actualidade:

1- Igreja:



Fig. 26- Aspecto exterior das Ruínas da igreja do Mosteiro de Santa Clara de Amarante.

Foto: Daniel Ribeiro

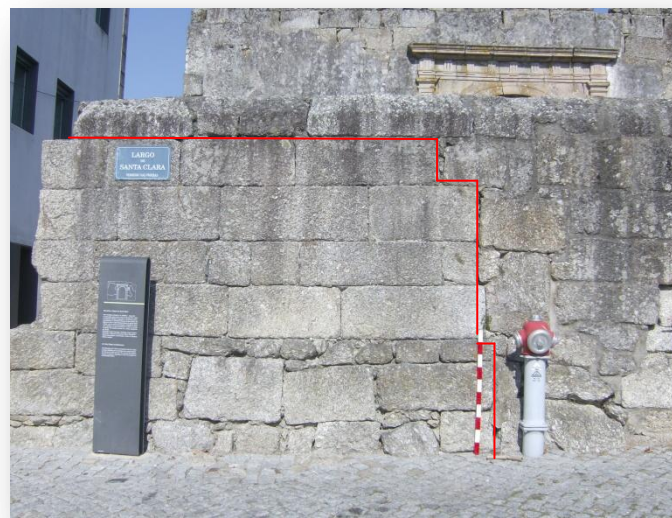


Fig. 17- Pormenor de um pequeno pano do alçado Poente da Igreja (assinalado a vermelho).

Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 28- Pormenor de um perfil da parede do alçado Poente da Igreja.

Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 29- Aspecto geral das Ruínas do Corpo da Igreja.

Foto: Daniel Ribeiro



Figs. 30 e 31- Elementos arquitectónicos da abóbada da Igreja

Fotos: Daniel Ribeiro



Fig. 32- Pormenor de alguns elementos arquitectónicos, ainda com vestígios de policromia, da igreja reaproveitados num muro construído após a sua demolição.

Foto: Daniel Ribeiro



Figs. 33 e 34 - Florões da abobada da Capela-mor
Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 35 e 36- Fragmentos dos caixotões decorados com motivos florais, provenientes da capela-mor

Fotos: Daniel Ribeiro



Fig. 37- Pia para água benta.

Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 28 – Negativos do púlpito e das escadas de acesso.
Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 39 - Pormenor do negativo do púlpito.
Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 30 - Uma pilastra da antiga capela de S. João Evangelista
Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 41- Negativos do painel de azulejos e parte do aparelho de enchimento e preparação do alçado Este da igreja, para o mesmo.

Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 42- Vestígios de azulejos policromados (azul, branco e amarelo) do painel do alçado Oeste da Igreja.

Foto: Daniel Ribeiro

10- *Alas Monásticas:*

10.1- *Ala Sul:*



Fig.98- Vestígios do Alçado Sul do Mosteiro, postos a descoberto após a demolição das cavalariças e da "casa dos caseiros", da Casa da Cerca
Foto: Daniel Ribeiro

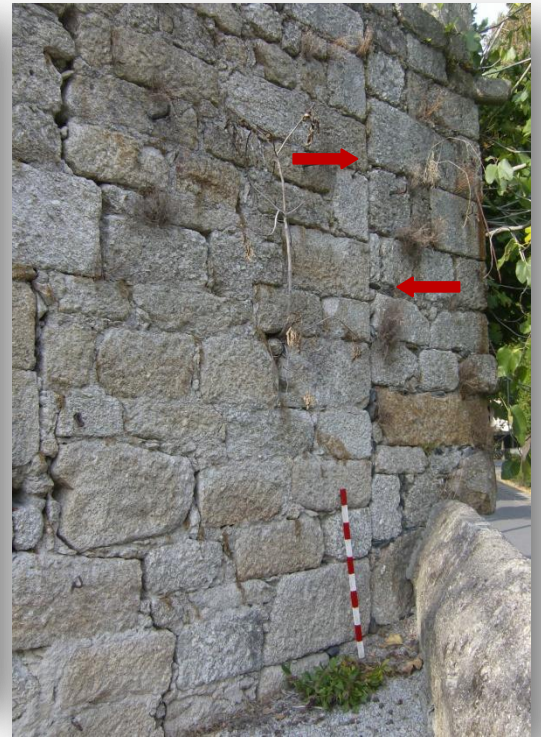


Fig.99- Adoçamento de um muro de separação de propriedades que absorveu os alçados Sul e Este do antigo mosteiro
Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 100 - Área onde se evidenciam inúmeras perturbações ao aparelho construtivo do edifício monástico original
Foto: Daniel Ribeiro



Fig.101- Janela rampeada dos dois lados correspondente a uma abertura original do edifício monástico
Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 102- Face interna de uma parte da ala Sul do mosteiro
Foto: Daniel Ribeiro



Fig.103 - Pormenor de uma passagem de um compartimento da ala Sul, para as arcadas do claustro
Foto: Daniel Ribeiro



Fig.104- Espaço da antiga Ala Sul do mosteiro ainda por escavar
Foto: Daniel Ribeiro

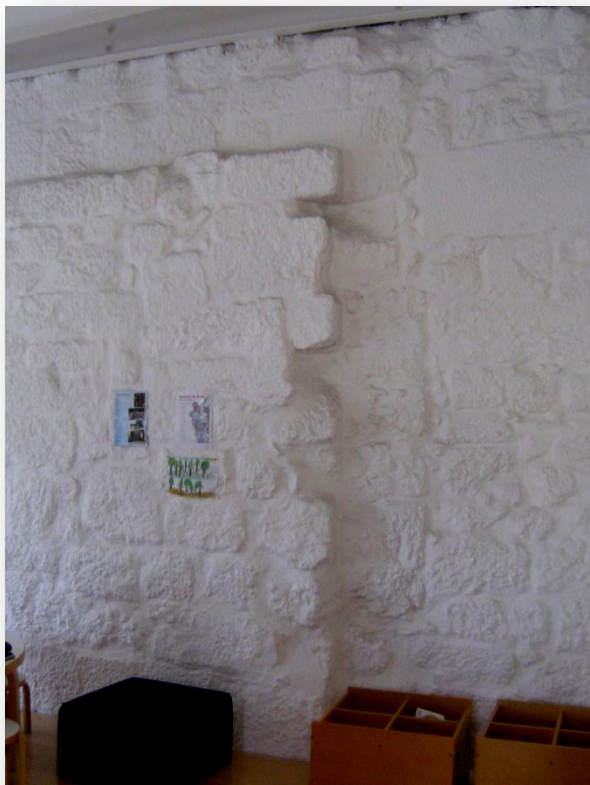


Fig.105– Negativo de ligação entre o antigo alçado Sul do Mosteiro com a ala Oeste (alçado Este, do lado de fora, do antigo Alto Coro), actualmente corresponde à sala infantil de audiovisuais
Foto: Daniel Ribeiro



Fig.106- Parte de um antigo alçado de interligação entre a Ala Sul e a Ala Oeste do antigo Mosteiro.
Daniel Ribeiro

10.4- *Ala Poente:*



Figs. 114 e 115- Fachada do antigo mosteiro de Santa Clara de Amarante, correspondente a um prolongamento do corpo Oeste do edifício
Fotos: Daniel Ribeiro



Figs. 116 e 117- A ala Oeste do antigo mosteiro, já um pouco alterada, fruto das sucessivas remodelações durante a segunda metade do séc. XIX e parte do séc. XX
Fotos: Daniel Ribeiro



Fig.118- Perspectiva do telhado da ala Oeste. De salientar que este corpo do edifício é prolongado durante o período em que funcionou como residência familiar
Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 119- Pormenor do alçado da actual biblioteca, voltado para o antigo claustro monástico
Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 120- Perspectiva da antiga ala Oeste do Mosteiro, visto a partir do actual terreiro da Biblioteca Municipal
Foto: Daniel Ribeiro

10.2- *Ala Este:*



Fig.107- Conexão entre a ala Sul e a Este (perspectiva interior)

Foto: Daniel Ribeiro



Fig.108- Algumas divisões internas reveladas pelas escavações arqueológicas

Foto: Daniel Ribeiro



Fig.109- Pormenor de uma parede da ala Este do Claustro

Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 110- Pormenor de uma divisão interna, da ala Este

Foto: Daniel Ribeiro

10.3- *Ala Norte:*



Fig.111 e 112- Vestígios das estruturas monásticas correspondentes à intercepção da ala Oeste com a Norte, que se conservam no terreiro do arquivo municipal

Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 113- Área por escavar correspondente ao espaço da Ala voltada a Norte do Antigo Mosteiro

Foto: Daniel Ribeiro

11-Cerca do Mosteiro:



Fig. 121- Troço da antiga cerca monástica, na rua do Caminho Novo
Foto: Daniel Ribeiro



Fig.122- Troço da Cerca do Mosteiro junto ao alçado Sul do Claustro
Daniel Ribeiro



Fig.123- Troço da Cerca, reaproveitado no edifício da clínica esfera saúde
Foto: Daniel Ribeiro



Fig.124- Pormenor da parte exterior de um troço da cerca do mosteiro, junto à actual Rua Capitão Augusto Casimiro
Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 125- Alçado Este da Cerca do mosteiro de Santa Clara de Amarante.
Foto: Daniel Ribeiro

12- Cemitério das religiosas:



Fig.126- Espaço exterior ao claustro, mas no interior da cerca, utilizado para sepultar alguns membros da comunidade religiosa. Ao fundo, parte exterior da capela lateral de S. José e um pequeno troço do alçado Este da antiga Igreja
Foto: Daniel Ribeiro

13- Elementos de uma Primitiva Sineira:



Fig. 127- Marca de desgaste de uma antiga sineira
Foto: Daniel Ribeiro

14- *Persistências de Uma Casa Solarenga:*



Fig. 127- Tecto estucado, com motivos vegetalista, do vão das escadas da actual biblioteca
Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 128- Um pormenor de um dos tectos do 3º piso
Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 129- Padrão dos azulejos relevados da fábrica de Massarelos, da fachada da actual biblioteca
Foto: Daniel Ribeiro

2- Capela Lateral de S. José:



Fig. 43- Aspecto geral da Capela na actualidade

Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 44- Pormenor da pedra de Armas do Dr. Manuel Cerqueira.

Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 45- Placa em granito, onde constava uma inscrição pintada

Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 46 e 47- Pormenores de alguns vestígios de pintura mural, com motivos vegetalistas e geométricos, sobre o arco de volta perfeita da entrada para a capela.

Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 48- Pormenor do entablamento da entrada para a capela, onde ainda se podem apreciar vestígios de policromia.

Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 19- Pormenor da abóbada de berço, com caixotões guarnecidos de rosetas esculpidas. No caixotão central pode ver-se brasão dos Cerqueiras, idêntico ao que se encontra na entrada para a capela.

Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 50- Negativo do assentamento do retábulo, da capela de S. José, na cabeceira da capela.
Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 51- Pormenor da janela rampeada do lado esquerdo.
Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 52- Pormenor de um armário embutido na parede da capela.
Foto: Daniel Ribeiro

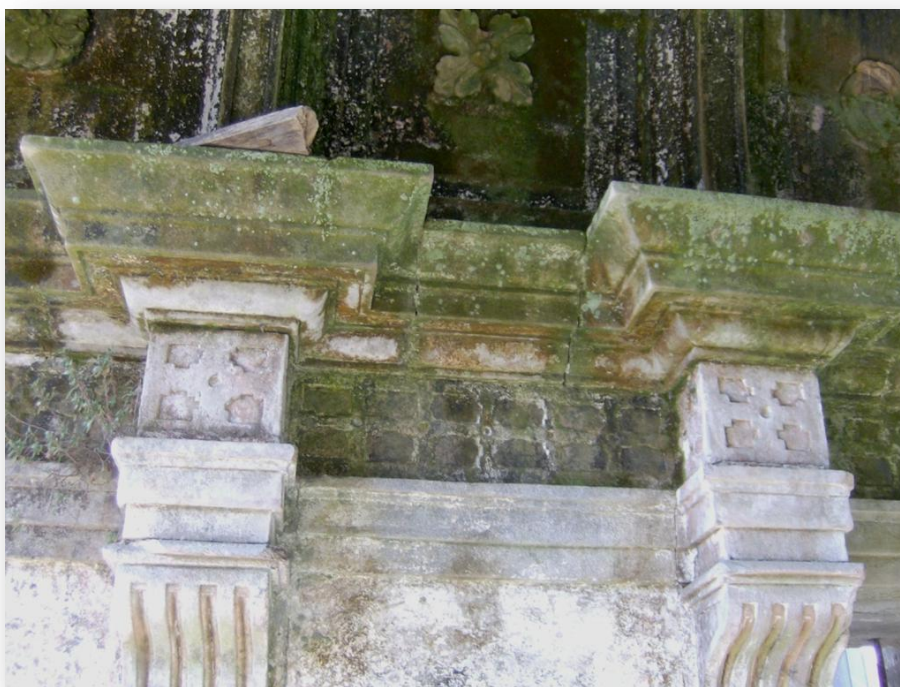


Fig. 53- Pormenor da cornija do interior da capela
Foto: Daniel Ribeiro

3- Coros:



Fig. 54 – O Alto e o Baixo Coro, vistos a partir da “igreja de fora”.
Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 55 - Pormenor de um vão lateral inferior.
Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 56 - Pormenor do comungatório (emparedado) do lado da epístola.
Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 57-Aspecto geral do Baixo Coro, visto a partir da “igreja de fora”.
Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 58- Pormenor do comungatório, do lado do evangelho
Foto: Daniel Ribeiro

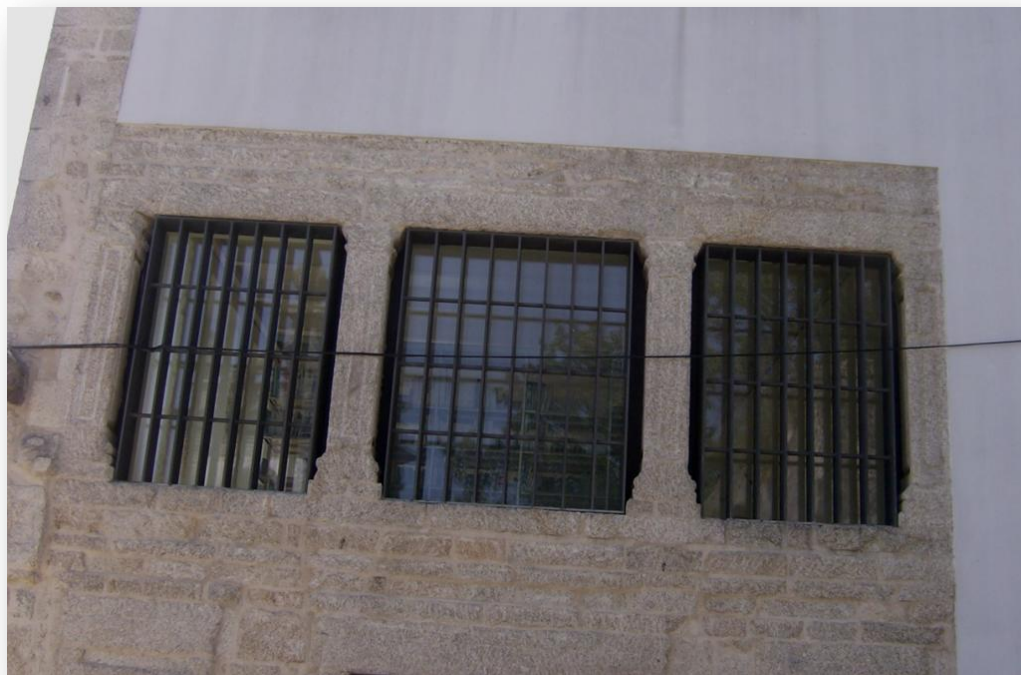


Fig. 19 – Aspecto geral do Alto Coro, visto a partir da “igreja de fora”.
Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 20 - Pormenor de uma pilastra do Coro Alto.
Foto: Daniel Ribeiro

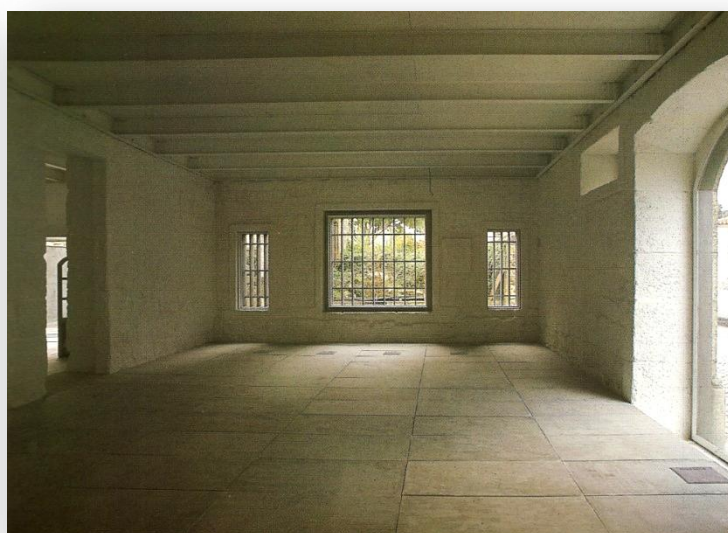
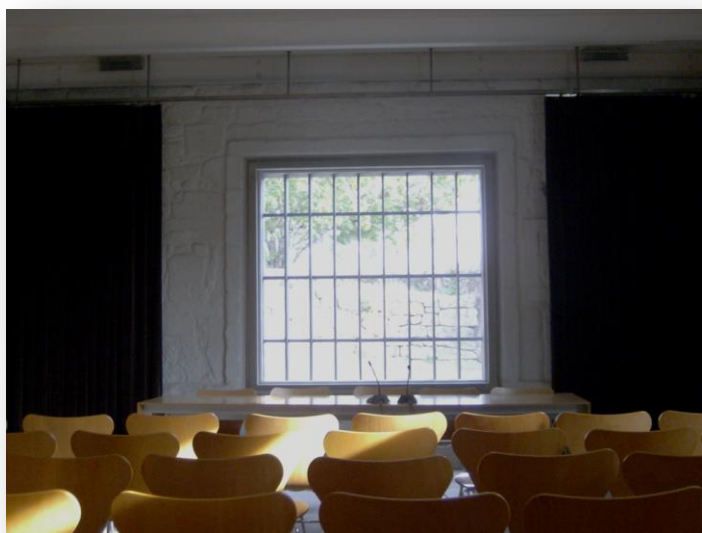


Fig. 61 e 62 - O Baixo Coro, visto a partir da igreja de dentro.
Foto: Daniel Ribeiro e Luís Ferreira Alves (foto 6) [Reis, 2000, 27].



Fig. 63 – Aspecto geral de alguns armários embutidos na parede.

Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 64 - Pormenor de um dos armários embutidos na parede.

Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 64 – Vista geral do alçado poente do Baixo coro e da porta rasgada, durante a remodelação e adaptação do mosteiro em residência familiar.

Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 65 - Um Comungatório, visto a partir do interior.

Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 66 - A Sala do Alto-Coro na actualidade (sala Infanto-juvenil da biblioteca Albano Sardoeira.

Fotos: Daniel Ribeiro



Fig. 67- Pormenor de um vão lateral do alto-coro, a partir da “igreja de dentro”.

Foto: Daniel Ribeiro



Fig.68 - Pormenor do Alto Coro, no fim das obras de remodelação e de adaptação da casa da Cerca em Biblioteca e arquivo municipais.

Foto: Luís Ferreira Alves [Reis, 2000, 36].



Fig.69 – Janelas voltadas para a Rua do Caminho Novo.

Foto: Daniel Ribeiro

4- Sacristia :

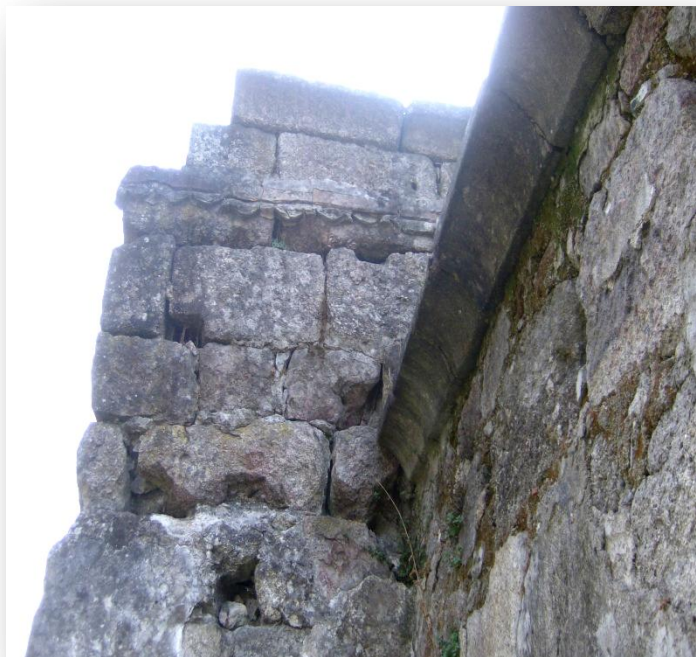


Fig. 70- Negativos numa parede que ainda resta da igreja, do adossamento do edifício da sacristia.
Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 71- Negativos de um gradeamento exterior da janela voltada a Sul da Capela de S. José, a qual se rasgaria para o interior da sacristia.
Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 72- Vestígios da Sacrista no alçado Sul da capela lateral de S. José, à qual esta estrutura parece ter adossado.
Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 73- Espaço ainda por escavar, onde se encontrarão os alicerces da sacristia da igreja de Santa Clara de Amarante.
Foto: Daniel Ribeiro

5-Sala do Capítulo:

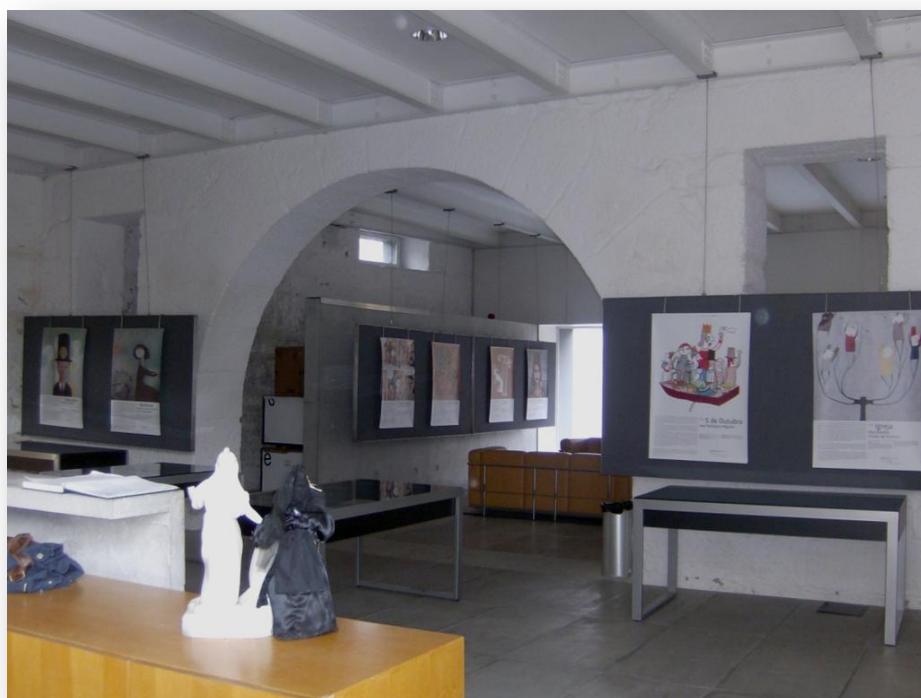


Fig. 74— Perspectiva da entrada da Sala do Capítulo, actual recepção da biblioteca municipal.

Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 75-Pormenor de um dos vãos, visto a partir do antigo exterior da sala capitular.

Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 76-A antiga sala do capítulo vista a partir da actual entrada da biblioteca.

Foto: Daniel Ribeiro

6-Mirante:



Fig. 77- Aspecto da fachada do antigo mosteiro, com o respectivo mirante
Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 78- O antigo mirante na actualidade
Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 79- Outra perspectiva da parte interna do antigo mirante
Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 80- Alcance visual, para a urbe a partir do Mirante do antigo mosteiro
Foto: Daniel Ribeiro

7-Portaria do Mosteiro:



Fig. 81- Pormenor da actual porta, para a rua do Caminho Novo, da antiga portaria do mosteiro.

Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 82- O espaço interno, da antiga portaria do mosteiro, actualmente adaptada à função de Hall de entrada dos funcionários da biblioteca municipal.

Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 83- Aspecto geral da Portaria, na sua envolvente.

Foto: Daniel Ribeiro

8- Parlatório :

8.1- Lado da Clausura:



Fig. 84- Aspecto geral do compartimento, onde estava instalado o parlatório das religiosas, actualmente, serve de corredor de acesso aos reservados e onde se encontra instalado o quadro eléctrico da biblioteca

Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 47- Pormenor de uma comunicação directa entre o parlatório e o antigo claustro

Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 83- Pormenor do vão onde estava uma antiga roda do mosteiro, para a troca de pequenos objectos de dentro para fora ou vice-versa

Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 86- Pormenor da parte interna do vão de uma antiga roda

Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 88- Vão central onde se localizaria a grade do parlatório, actualmente um armário do quadro eléctrico da biblioteca

Foto: Daniel Ribeiro.

8.2- *Lado dos Visitantes:*



Fig. 85- O vão emparedado, da antiga grade do parlatório, visto a partir de um actual gabinete técnico da biblioteca, outrora a parte dos visitantes do mosteiro

Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 6- Pormenor de um vão emparedado, correspondente a uma das rodas do mosteiro, visto a partir da antiga parte pública do mosteiro

Foto: Daniel Ribeiro

9- Claustro:



Fig. 91- Área do Claustro vista a partir do lado Sul

Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 92- Área do antigo claustro monástico, visto a partir do lado Norte

Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 93- Ruínas do Fontanário de espaldar, que localizado ao centro do claustro, actualmente absorvido por um muro de sustentação de terras.

Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 94- Acessos a uma mina localizada junto ao fontanário.

Foto: Daniel Ribeiro

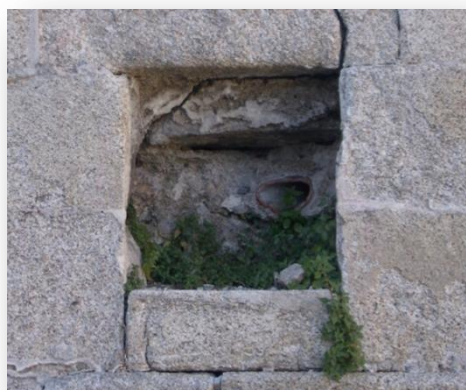


Fig. 95- Pormenor do local onde assentava o sortidouro de água da fonte, actualmente desaparecido.

Foto: Daniel Ribeiro



Fig. 96- Pormenor da entrada para a Câmara da Mina

Foto: Daniel Ribeiro



1



2



3



4



5



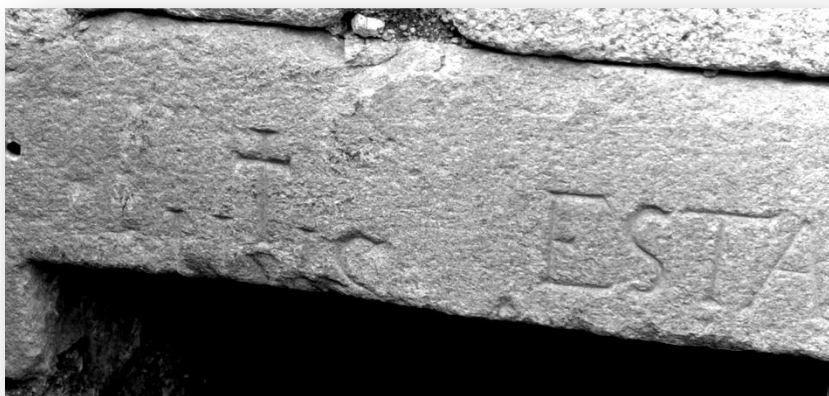
6

Fig. 96— De 1 a 7 – Inscrição do Fontanário de Espaldar do claustro do Mosteiro de Santa Clara de Amarante, construído pelo Dr. Manuel Cerqueira.

Texto epigráfico: O DOVTOR ME CER(...)RA
 CAPELÃ Đ S. MĐ DESEMBARGADŌR Đ
 SV CORTE E C(...)R MĒ (...)RĒS(...)A DA
 SEE DE EVORA MANDOV FAZER(...) F(...)
 A(...)RICEAGO/ DCA (...) GSTO DE
 E(...) EMCOMENDE A(...) SVA(...) O
 COVĒTO/ SCLARA/ ANO DE 161(...)/
 SENDO ABBA(...)/ O SOVZA/(...)/
 ROMEIRA PRIMA(...)/ DITO SOR.



7



1



2



3

Fig. 97 – De 1 a 3 – Inscrição Da mina do Fontanário

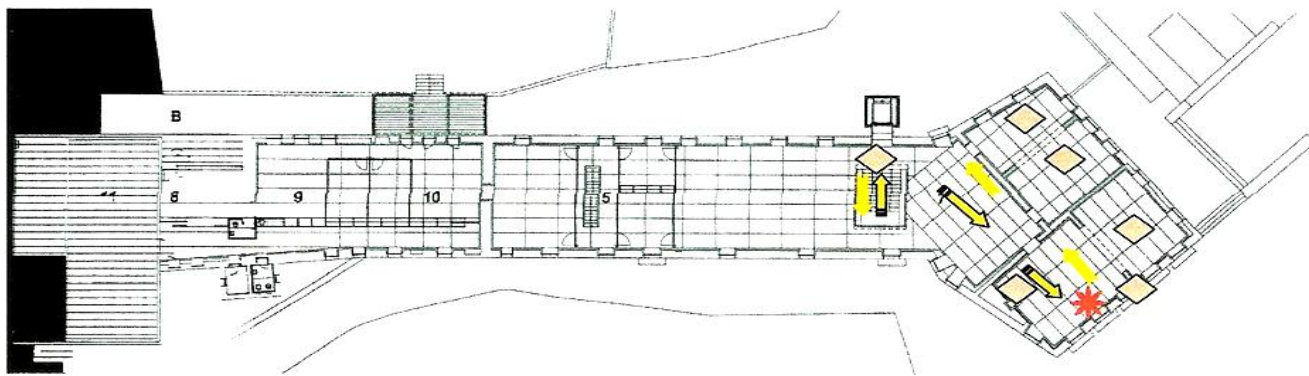
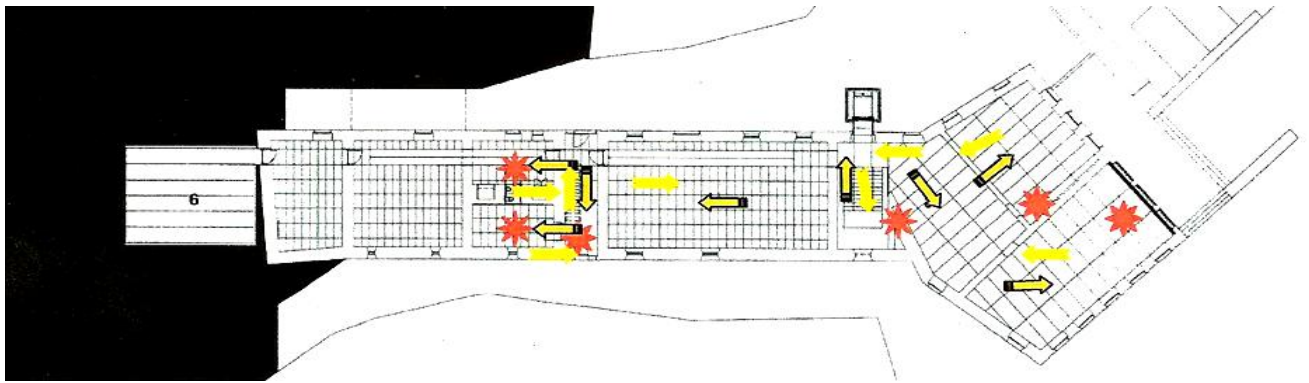
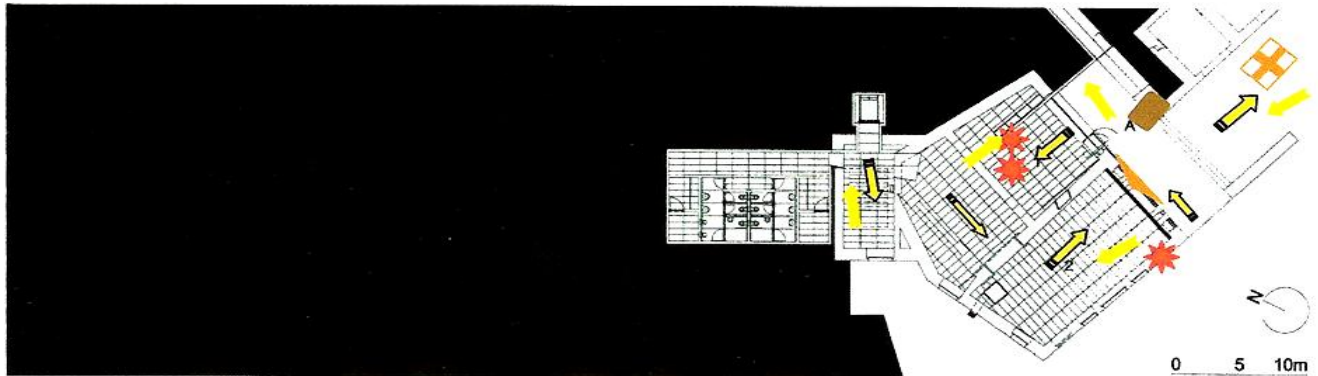
Fotos: Daniel Ribeiro

Inscrição: H+JS/ ESTA FÔTE FES A M^O/ (...) MAR BORGES/ MARIA.








Anexos VI

CIRCUITO DE VISITA

Circuito de Visita ao Núcleo Expositivo do Mosteiro de Santa Clara de Amarante



Figs. 130, 131 e 132 - Legenda:

Recepção		Pré-existência do mosteiro	
Dispositivo audiovisual		Pré-existência de uma Casa Solarenga	
Circuito de entrada proposto		Igreja de Santa Clara	
Circuito de saída proposto			

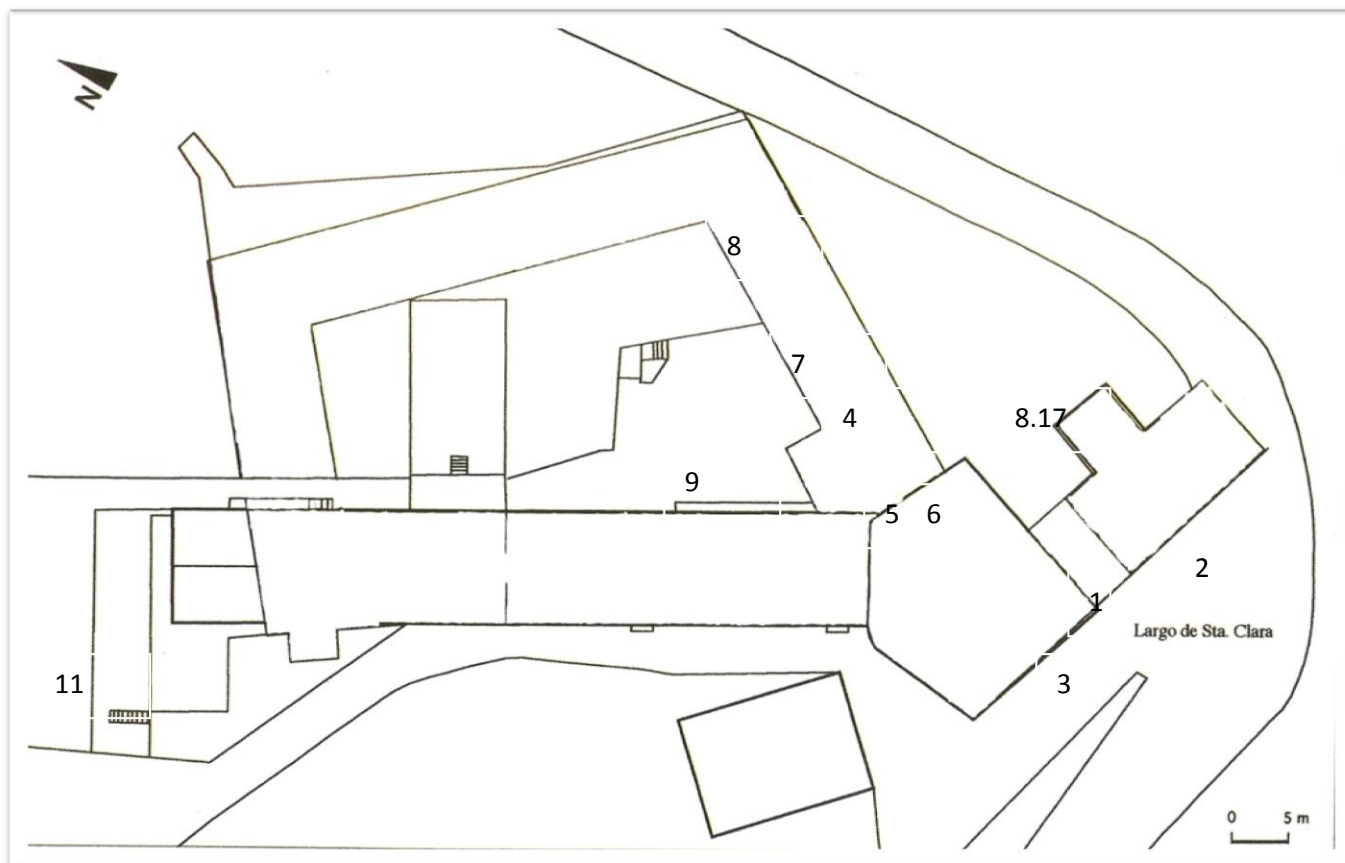


Fig. 133

Valências Museológicas a instalar:

- 1- Área de Acolhimento;
- 2- Igreja de Santa Clara (espaço polivalente);
- 3- Auditório (da biblioteca);
- 4- Recepção;
- 5- Sanitários;
- 6- Área de descanso;
- 7- Loja do núcleo museológico;
- 8- Secções Expositivas:
 - 8.1-O espaço e o tempo: Amarante na Idade Média;
 - 8.2 - Um cenóbio feminino em Amarante;
 - 8.3- De recolhimento a mosteiro de Santa Clara;
 - 8.4- O mosteiro;
 - 8.5- As rotinas do mosteiro;
 - 8.6- As devoções do mosteiro;
 - 8.7- Os labores do mosteiro;
 - 8.8- A preparação e a confecção dos alimentos/ a cozinha;
 - 8.9- A alimentação;
 - 8.10- O vestuário e os adornos da comunidade religiosa;
 - 8.11- Os hábitos de higiene da comunidade religiosa;

- 8.12- Notáveis religiosas de Santa Clara de Amarante;
- 8.13- O trágico dia 18 de Abril de 1809;
- 8.14- Das cinzas reerguido;
- 8.15- O fim do mosteiro, o início da Casa da Cerca;
- 8.16- Recuperando fragmentos da História de um mosteiro feminino;
- 8.17- Espaço da morte;

- 9- Claustro (espaço de deambulação, lazer e descanso);
- 10- Espaços Técnicos;
- 11- Serviços educativos;
- 12- Cafeteria.

Anexos VII

ESPÓLHO DO MOSTEIRO



Fig. 156- Alfinete, liga de Cobre, sondagem 12, nº 01208015 [Teixeira (c), 2010, 73].



Fig. 157- Alfinete, liga de cobre, sondagem 12, nº 01208 016 [Teixeira (c), 2010, 73].



Fig. 158- Fivela, Ferro e liga de Cobre, sector 9, nº 09006 009 [Teixeira (c), 2010, 120].



Fig. 159- Fivela, Ferro e Liga de Cobre, sector 10, nº 10209 007 [Teixeira (c), 2010, 121].



Fig. 160- Adorno de Mobília, Liga de Cobre, descontextualizado, nº 00000 009 [Teixeira (c), 2010, 127].



Fig. 161- Rebite, Ferro/Liga de Cobre, descontextualizado, nº 00000 007 [Teixeira (c), 2010, 127].



Fig. 162- Elemento decorativo, Liga de Cobre, sondagem 6, nº 00617 088 [Teixeira (c), 2010, 128].



Fig. 163- Objecto não identificado, liga de cobre, sondagem 6, nº 00617 064 [Teixeira (c), 2010, 128].



Fig. 164- Cabo de Talher, Estanho, sondagem 6, nº 00617 080 [Teixeira (c), 2010, 128].



Fig. 165- Fragmento de Colher, Liga de Cobre, sondagem 6, nº 00624 004 [Teixeira (c), 2010, 130].



Fig. 166- Sineta, liga de Cobre, sector 10, nº 10055 005 [Teixeira (c), 2010, 144].

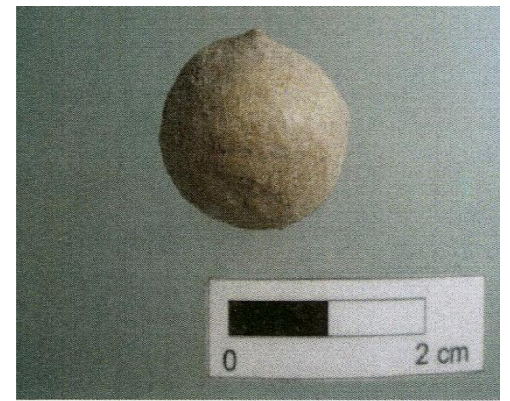


Fig. 167- Projétil, Chumbo, sector 10, nº 10 130 003 [Teixeira (c), 2010, 154].

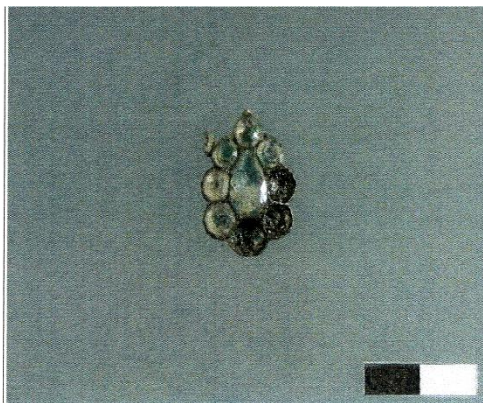


Fig.168 – Alfinete de Peito, Liga de Cobre, Chumbo e vidro, sector 6, nº 60021 015 [Teixeira (c), 2010, 166].

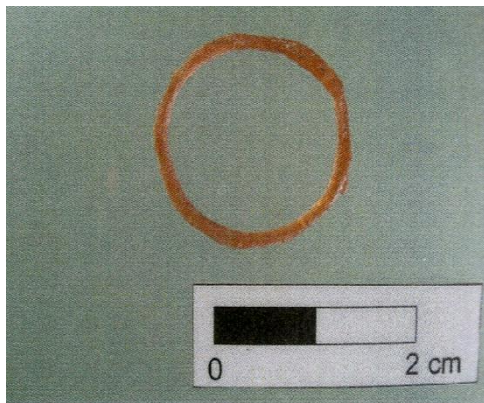


Fig. 169– Anel de pasta vítrea, sector 6, nº 06011 005 [Teixeira (c), 2010, 175].



Fig.170– Anel de pasta vítrea, sector 6, nº 06011 004 [Teixeira (c), 2010, 175].



Fig. 171- Conjunto de Contas de Colar em pasta vítrea, sector 10, nº 10043 023 [Teixeira (c), 2010, 179].

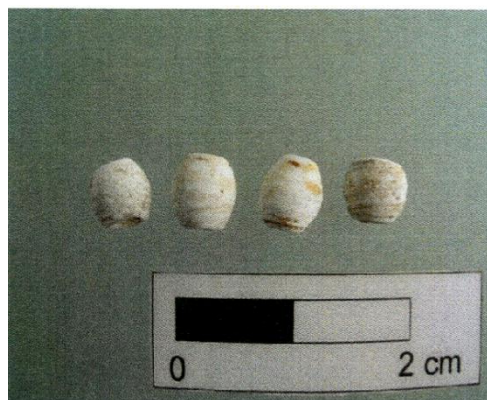


Fig.172- Conjunto de contas de colar em pasta vítrea, sector 10, nº 10108014 [Teixeira (c), 2010, 180].



Fig.173– Conjunto de contas de colar em pasta vítrea, sector 10, nº 10108 030 [Teixeira (c), 2010, 180].

Espólio Arqueológico Exumado nas Escavações Arqueológicas do Mosteiro de Santa Clara de Amarante.



Fig. 133- Prato de Faiança, sondagem 6, nº 00697 007 [Teixeira (c), 2010, 33].



Fig. 134- Prato de Faiança, sondagem 6, nº 00690 011 [Teixeira (c), 2010, 33].



Fig. 135- Fragmento de prato de faiança, com inscrição, sondagem 6, nº 00678 014 [Teixeira (c), 2010, 33].



Fig. 136- Fragmento de prato de faiança, sondagem 12, nº 01200 008 [Teixeira (c), 2010, 34].

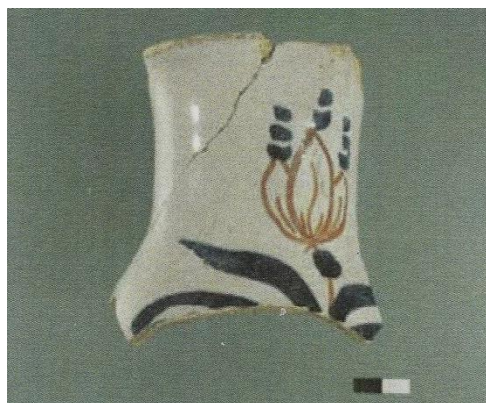


Fig. 137 - Lábio e Colo de um jarro de faiança, sondagem 13, nº 01300 012 [Teixeira (c), 2010, 35].



Fig. 138 - Fragmento de prato epigrafado de faiança, sector 8, nº 08000 010 [Teixeira (c), 2010, 37].

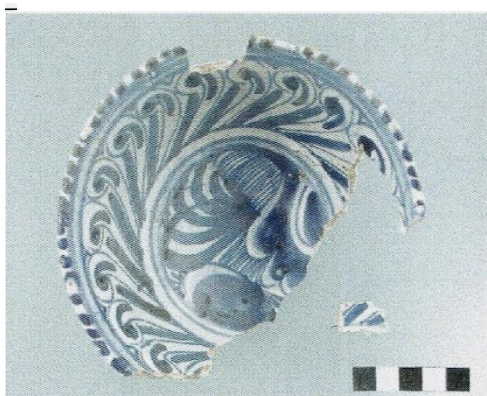


Fig. 139- Tigela de Faiança, antes do restauro, sondagem 6, nº 00667 010 [Teixeira (c), 39].



Fig. 140 - Fragmento de tigela de Porcelana, sector 2, nº 02598 019 [Teixeira (c), 36].



Fig. 141 - Prato de faiança, sondagem 12, nº 01200 012 [Teixeira (c), 34].



10



11

Fig. 142 - Fragmento de tigela de cerâmica vidrada de Chumbo, sondagem 12, nº 01201 020 [Teixeira (c), 2010, 34].

Fig. 143 - Caçoila de cerâmica vidrada de Chumbo, sondagem 13, nº 01302 007 [Teixeira (c), 2010, 40].



Fig. 144- XII vinténs, prata, sondagem 6, nº 06026 040 [Teixeira (c), 2010, 50].



Fig. 145- V Réis, liga de Cobre, sondagem 6, nº 06011 0 26 [Teixeira (c), 2010, 50].



Fig. 146- Cruzado Novo, Ouro, sondagem 10, nº 10202 008 [Teixeira (c), 2010, 54].



Fig. 147- X Reis, prata, sector 6, nº 60021 004 [Teixeira (c), 2010, 58].



Fig. 148- Ceartil, liga de Cobre, sondagem 6, nº 00654 003 [Teixeira (c), 2010, 46].

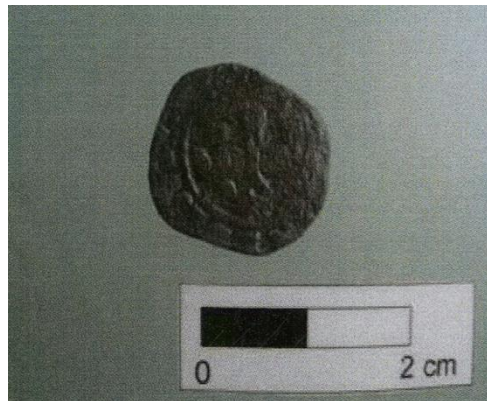


Fig. 149- Ceartil, liga de Cobre, sondagem 6, nº 00651 010 [Teixeira (c), 2010, 46].

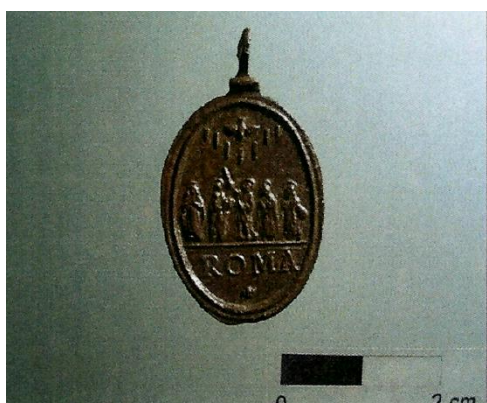


Fig. 150 – Medalha, Pentecostes, liga de Cobre, nº02025 003 [Teixeira (c), 2010, 62].



Fig. 151- Medalha, S. Pedro de Alcântara, liga de Cobre, nº 02025 002 [Teixeira (c), 2010, 62].



Fig. 152- Medalha, Nossa Senhora do Carmo, liga de Cobre, nº 09023 022 [Teixeira (c), 2010, 63].



Fig. 153- Medalha, Santíssimo Sacramento, liga de Cobre, nº 10061 004 [Teixeira (c), 2010, 64].



Fig. 154- Medalha, Imaculada Conceição, liga de Cobre, nº 10273 002 [Teixeira (c), 2010, 68].

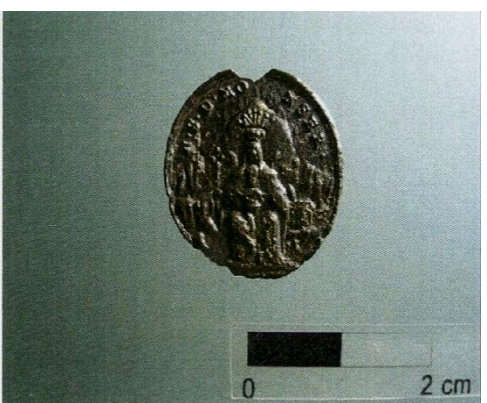


Fig. 155- Medalha, Nossa Senhora de Monserrate, liga de Cobre, nº 10130 005 [Teixeira (c), 2010, 66].

*Imagens Provenientes do Mosteiro de Santa Clara de
Amarante, Actualmente na Posse da Paróquia de S. Gonçalo –
Amarante*



Fig.174- Cristo Crucificado, madeira policromada, séc. XVIII, capela da reconciliação da igreja de S. Gonçalo – Amarante.

Departamento dos Bens Culturais da Diocese do Porto



Fig. 175- Santa Clara de Assis, madeira policromada e estufada a ouro, séc. XVIII, Museu Paroquial de Arte Sacra de Amarante.

Departamento dos Bens Culturais da Diocese do Porto



Fig.176- Nossa Senhora do Bom Despacho, madeira policromada e estufada a ouro, séc. XVIII, Museu Paroquial de Arte Sacra de Amarante.

Departamento dos Bens Culturais da Diocese do Porto



Fig.177- Nossa senhora da Conceição, madeira policromada e estufada a ouro, séc. XVIII, Museu Paroquial de Arte Sacra de Amarante.
Departamento dos Bens Culturais da Diocese do Porto



Fig.178- Menino Jesus, madeira policromada e estufada a ouro, séc. XIX, Museu Paroquial de Arte Sacra de Amarante.
Departamento dos Bens Culturais da Diocese do Porto

Anexos VIII

*INTERVENÇÃO
ARQUEOLÓGICA*

Plantas da Intervenção Arqueológica no Mosteiro de Santa Clara de Amarante



Fig. 179- Planta da implantação das sondagens arqueológicas da primeira fase de intervenção no antigo Mosteiro de Santa Clara [Teixeira (a), 2010, 15].

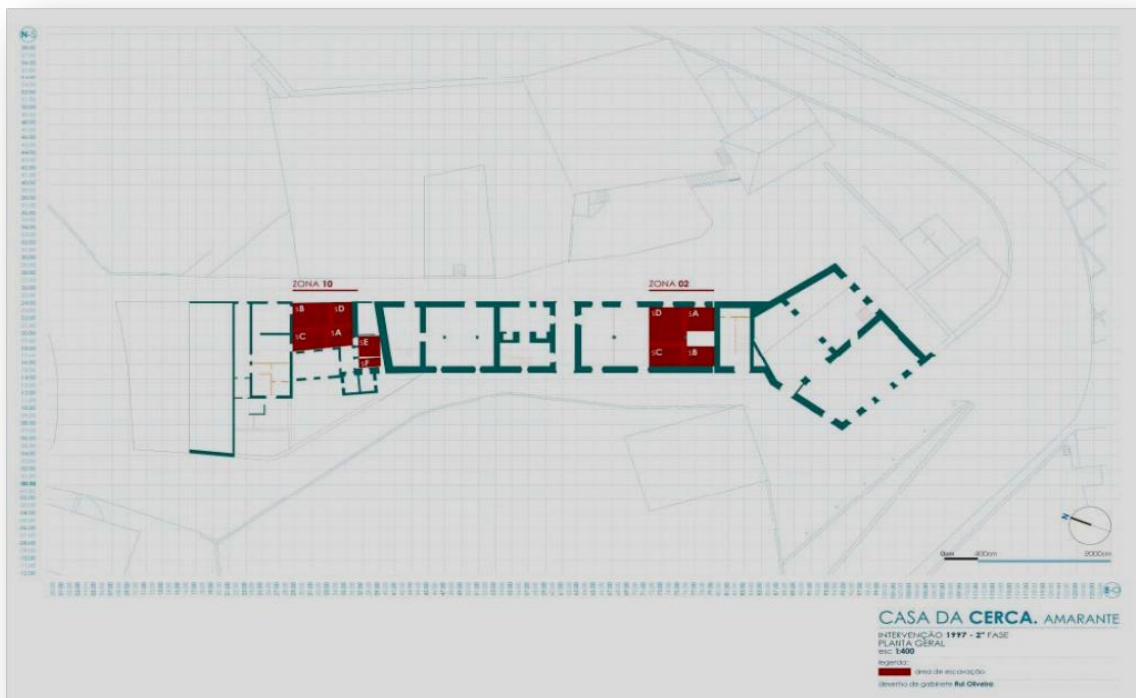


Fig. 180- Planta das áreas de escavação implementadas, na segunda fase de intervenção, no antigo Mosteiro de Santa Clara de Amarante [Teixeira (a), 2010, 23].

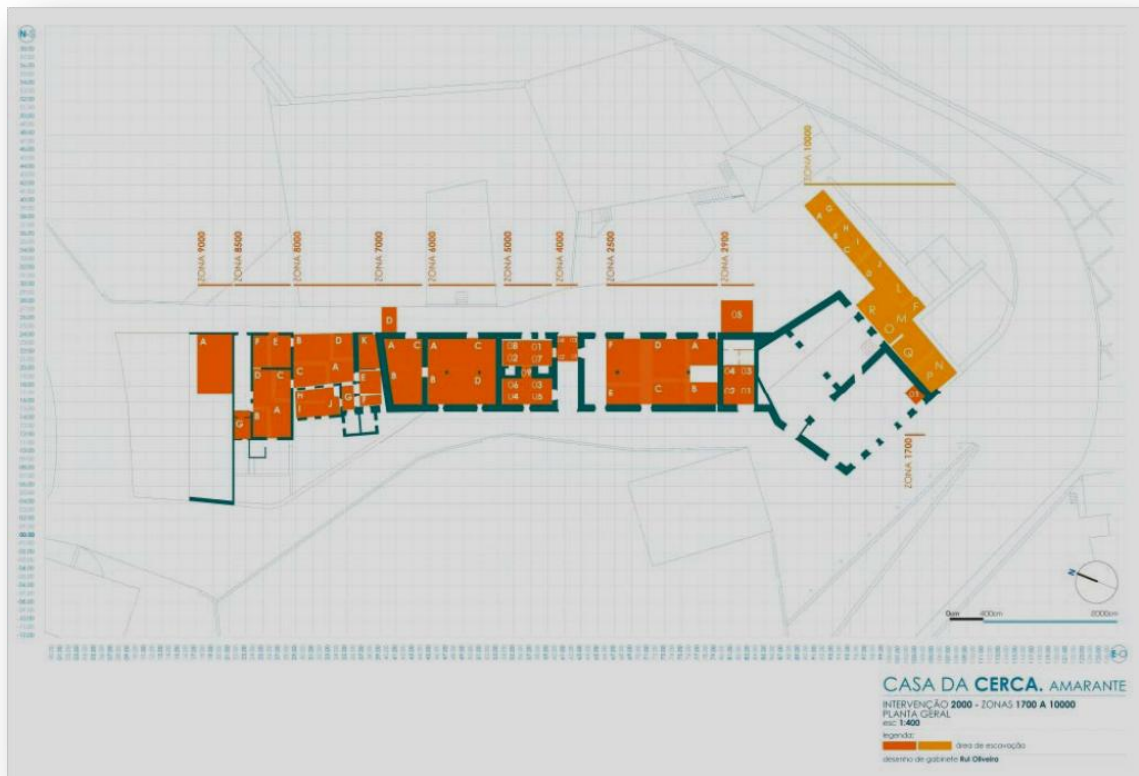


Fig.181- Planta dos sectores escavados, na terceira fase de intervenção no Antigo Mosteiro de Santa Clara de Amarante [Teixeira (a), 2010, 28].



Fig.182 – Planta dos sectores a escavar no decorrer da quarta fase de intervenção no Mosteiro de Santa Clara de Amarante (intervenção não concluída). (Baseado na planta nº 1)

Anexos IX

Reconstituição do Mosteiro

Reconstituição do Mosteiro de Santa Clara de Amarante nos Finais do Séc. XVIII



Fig. 183 - Reconstituição do mosteiro de Santa Clara de Amarante em 3 dimensões perspectiva Sul.
Gerson Matos, coordenação científica de Daniel Ribeiro



Fig.184- Reconstituição do mosteiro de Santa Clara de Amarante em 3 dimensões perspectiva Oeste.
Gerson Matos, coordenação científica de Daniel Ribeiro



Fig. 185- Reconstituição do mosteiro de Santa Clara de Amarante em 3 dimensões, pormenor da fachada voltada a Oeste.

Gerson Matos, coordenação científica de Daniel Ribeiro



Fig. 186- Reconstituição do mosteiro de Santa Clara de Amarante em 3 dimensões, pormenor do portal da igreja, dos coros e do mirante.

Gerson Matos, coordenação Científica de Daniel Ribeiro

Nota:

Para a realização da presente reconstituição a três dimensões do mosteiro de Santa Clara de Amarante nos finais do séc. XVIII, foram tidos em conta os resultados das escavações arqueológicas, a iconografia existente e a documentação do mesmo.

Atendendo a algumas limitações das fontes acima citadas, procuraram-se soluções arquitectónicas idênticas ao que terá existido nos espaços monásticos de Santa Clara de Amarante, em edifícios pertencentes à Ordem implantados no Norte de Portugal, nomeadamente os mosteiros de Santa Clara de Vila do Conde e do Porto.